

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

NAYANE LORENA R. SANTOS

**A IMINÊNCIA DA ASCESE NEOLIBERAL: UMA ANÁLISE DA CONDUTA DA
IGREJA CRISTÃ SAL DA TERRA E SUA RESPOSTA AO COVID-19**

UBERLÂNDIA

2020

NAYANE LORENA R. SANTOS

**A IMINÊNCIA DA ASCESE NEOLIBERAL: UMA ANÁLISE DA CONDUTA
DA IGREJA CRISTÃ SAL DA TERRA E SUA RESPOSTA AO COVID-19**

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da **Universidade Federal de Uberlândia**, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharelado em Ciências Sociais.

Orientadora: **Prof^a. Dr^a. Mariana M. P. Côrtes.**

UBERLÂNDIA

2020

NAYANE LORENA R. SANTOS

**A IMINÊNCIA DA ASCESE NEOLIBERAL: UMA ANÁLISE DA CONDUTA DA
IGREJA CRISTÃ SAL DA TERRA E SUA RESPOSTA AO COVID-19**

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências
Sociais da **Universidade Federal de
Uberlândia**, como pré-requisito para obtenção
do diploma de graduação em Ciências Sociais.

Uberlândia, 26 de setembro de 2020.

Resultado: _____.

Prof. Dr. Antônio Carlos Lopes Petean, UFU/MG

Prof^ª. Dr^ª. Claudia Swatowski, UFU/MG

Prof^ª. Dr^ª. Mariana Magalhães Pinto Côrtes, UFU/MM

AGRADECIMENTOS

Essa é com certeza uma das partes mais trabalhosas deste trabalho, é inevitável conter as lágrimas aqui. É difícil abarcar todos os caminhos que me fizeram chegar até aqui, pois a realização dessa monografia é fruto de todos os abraços sinceros recebidos na academia, correções da parte dos professores, do fim e início de ciclos. Rememorar tudo isso me causa um misto de sensações, mas com certeza a principal delas é a gratidão. Tenho infinitos mas eis alguns deles:

Sou grata ao Senhor, meu Deus, que chama à existência coisas que não existem, como se existissem. Nos momentos que eu duvidei que conseguiria encerrar esse ciclo ou que isso me provocou ansiedade, Ele me fortaleceu, por isso a Ele é a maior dedicação deste trabalho.

O Senhor me deu uma família excepcional!

Agradeço ao meu pai por todas as noites em claro “debaixo do caminhão” para me oferecer possibilidades que você não teve. Sei que pra você a minha aquisição de um diploma é sua maior vitória.

A minha mãe. Faltam palavras para lhe agradecer, restam as lágrimas. Digo, com segurança, que sem você eu não teria chegado até aqui, não somente pelo apoio financeiro, mas por toda oração em meu favor, pelas longas conversas pra eu não desistir, por nunca duvidar de mim. Obrigada, minha mãezinha.

Às minhas irmãs, que já estão fartas dessa história de TCC. Vocês me ensinam que a vida é muito melhor rindo de tudo, levando com leveza.

Ao meu fiel amigo e amor, Müller Viana. Encerrar esse ciclo com certeza foi mais leve e certo contigo. Obrigada por ter acreditado em mim do início ao fim, só nós sabemos o que o fim desse ciclo significa pra gente.

À Letícia por ser uma irmã, escudeira fiel, por me ouvir, por me chacoalhar e me mostrar que fazer monografia é "sentar e fazer, não tem segredos". A Isa, que me fez gostar de ler livros de romance, rir em momentos inapropriados, e ter feito da minha vida acadêmica mais doce e saborosa (espero que entenda a referência). Ao Caio, por estar presente em exatamente tudo, presente de verdade. A Nahma, pelas orações. Aos que foram amigos um dia, vocês me fizeram forte. Aos amigos que estão longe, mas estão por mim, obrigada!

À minha orientadora, Mariana. Dentro de um ambiente muitas vezes hostil, você sabe ouvir, e me ouviu com humanidade, reconhecendo minhas dificuldades e facilitando meu caminho. Obrigada!

Por fim, meus sentimentos, a todos que o COVID-19 bateu em suas portas e tiveram seus sonhos e vida roubados.

RESUMO

Estudos sociológicos a respeito da modernidade demonstram a ascensão de uma racionalidade experimentada em todos os setores da vida social. Max Weber (2004), destaca-se dentre estes estudos por explicar essa racionalidade à luz do tema do desencantamento do mundo, compreendendo que ao passo que o mundo é desencantado os indivíduos experimentam a elevação da racionalização, sendo isso que ocorreu na modernidade. O presente trabalho pretende analisar se essa mesma conduta está presente na contemporaneidade, e se não, qual é a conduta dos indivíduos. O recorte utilizado para essa análise é a Igreja Cristã Sal da Terra, localizada há trinta anos na cidade de Uberlândia.

Palavras-Chave: neoliberalismo, ascese, Covid-19, desencantamento.

ABSTRACT

Sociological studies concerning modernity demonstrate the rise of an experimented rationality in every branch of social life. Max Weber (2004), made himself prominent among these studies by explaining this rationality at the light of the motif of the disenchantment of the world, comprehending that, at the moment that the world is disenchanted, the individuals prove the rising of the rationalization. The following work intends to analyse if this same behavior is present nowadays and, otherwise, what is the behavior of the individuals. The subject of our analysis is the Igreja Cristã Sal da Terra, wich has been located for thirty years in the city of Uberlândia.

Key-words: neoliberalism, COVID-19, rationalization, disenchantment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
 CAPÍTULO I - A RACIONALIZAÇÃO: AS ERAS ASCÉTICAS	
1. - “Os puritanos queriam ser, nós devemos.”	10
1.1 O papel do calvinismo no desencantamento do mundo.	13
1.2 A reação dos calvinistas diante de um destino incerto e inacessível aos saberes humanos.	14
2 - O homem sem espírito e “sem coração” teria encontrado um motor de agência?	19
3 - <i>Coaching</i> como elo entre neoliberalismo e religião	29
 CAPÍTULO II - A NOVA ASCESE NO MUNDO DA FLEXIBILIDADE	
1. A Igreja Cristã Sal Terra na história do protestantismo	53
1.2. A configuração estrutural e metodológica da Igreja	40
2. Traços da nova ascese na linguagem das séries e programações da Sal da Terra.	45
3. “O mundo parou, mas precisamos continuar”	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	55

INTRODUÇÃO

Um olhar atento para a contemporaneidade demonstra que pra todo lado há uma aclamação à melhor performance, à melhor versão. De forma cada vez mais marcante e constante diferentes setores sociais apropriam-se dessa questão e buscam orientar os indivíduos por meio de técnicas e ferramentas, e dentre essas, o contexto religioso tem uma presença marcante. Objetivo constante das análises sociológicas, a religião está no centro das análises deste trabalho.

A religião cristã sempre esteve no centro dos meus interesses sociológicos, talvez por ter nascido neste contexto e tenha vivenciado de perto como as análises teóricas conversam com essa realidade empírica. Obtendo este interesse em mente, no decorrer da graduação em Ciências Sociais várias questões me eram latentes, algumas delas são: como explicar a disciplina latente dos calvinistas à luz dos achados weberianos? Como explicar a proliferação da Teologia da Prosperidade visto a quantidade de sacrifícios solicitados? Como explicar o destaque da performance pessoal dentro do contexto religioso? Como pode se ver, é um misto de inquietações que aparentemente não possuem relação entre si. Todavia, as análises de Weber (2004) a respeito do desencantamento do mundo parecem unir essas três inquietações por um tema imperante nas três: parece haver, nos três casos, a exigência de uma disciplina para que cada indivíduo seja bem sucedido, seja espiritualmente, fisicamente ou aparentemente

Essa compreensão definiu a centralidade do tema. Têm-se como objetivo de pesquisa, portanto, analisar o que move os indivíduos a se submeterem a uma rígida disciplinarização. Weber (2004) explica o que moveu os puritanos, Silvia Viana (2012) e outros autores da contemporaneidade averiguam o que move o indivíduo sem as premissas calvinistas. Serão trabalhadas essas abordagens, e por fim, analisado como essas premissas encaixam-se na conduta da Igreja Cristã Sal da Terra.

Cabe ressaltar que o interesse pela Sal da Terra se dá pelo fato de nesta haver uma série de programações destinadas ao desenvolvimento pessoal, e a olho nu percebe-se uma preocupação da Igreja com o direcionamento das vidas privadas dos indivíduos para que estas sejam bem-sucedidas. Essa configuração gera uma hipótese: Weber elucida que a disciplina dos puritanos se assemelha às práticas capitalistas da época, será que essa conduta presente na Sal da Terra também expressa premissas do capitalismo atual?

Foram feitas algumas pesquisas de campo, todavia, com a chegada da Pandemia da COVID-19 em março de 2020, os cultos da Igreja foram todos direcionados para Plataformas digitais, por isso, grande parte da pesquisa realizou-se com base nos vídeos postados pela Igreja no Youtube, Instagram e Facebook.

Por fim, como a Pandemia invadiu a vida de todos e alterou o percurso e projeções de grande parte da humanidade, o último tópico do trabalho se debruçou sobre como essa Igreja reagiu ao isolamento social e quais foram as medidas tomadas. E aqui, aproveito para expor todo meu respeito para com a Igreja que me abraçou desde a infância. A Sal da Terra é reconhecida por ajudar milhares de famílias, e nessa pandemia seu serviço foi notório. As análises aqui expostas, todavia, partem de um olhar sociológico, que abarca a realidade a partir de critérios teóricos.

CAPÍTULO I

A RACIONALIZAÇÃO: AS ERAS ASCÉTICAS

1.1. Primeira ascese: “Os puritanos queriam ser, nós devemos sê-lo”

Max Weber, pilar fundamental das Ciências Sociais, é um dos mais renomados pensadores no tema da racionalização. Seus achados marcaram de tal forma as análises sociológicas que anos após o lançamento de sua obra ainda é discutido se sua tese está presente na contemporaneidade, e se sim, de que forma. Um dos fatores que justificam o reconhecimento de Weber (2004) em seu papel nas análises sociológicas é a percepção da relação da conduta dos puritanos e a prática do capitalista moderno. E essa relação foi abordada a partir de sua conceituação sobre o desencantamento do mundo.

O conceito de desencantamento do mundo aborda os passos de racionalização que a humanidade passou até a modernidade. Assim, operacionalizando uma Sociologia da Religião, Weber (2004) atrela esse desencanto com duas agências: a religião e a ciência. Estes seriam os meios pelo qual a humanidade racionalizou a forma de compreender e atuar no mundo.

A análise desse termo e a relação deste com a realidade empírica foi demasiadamente discutida nos campos sociológicos, não obstante, interessa aqui observar em que medida o diagnóstico realizado por Weber (2004) sobre a modernidade lança luzes (se é que lança) à realidade empírica da contemporaneidade, especialmente no campo religioso. Em busca dessa resposta, é necessário compreender brevemente do que se trata o desencantamento do mundo enquanto conceito, já que conforme Weber (2004) essa era a realidade da modernidade.

Antônio Flávio Pierucci (2003), grande estudioso do conceito, demonstra que em toda a literatura weberiana “... das dezessete incidências do significante, em nove ele vem usando para significar “desmagificação”; em quatro, com o significado de “perda de sentido”, e nas quatro restantes ele vem com as duas acepções (PIERUCCI, 2003, p. 58). Desta maneira, o desencantamento está relacionado à desmagificação, isto é, a eliminação da magia, e/ou à perda de sentido.

Na perspectiva de Weber (2004) este desencantamento é feito através de duas forças: a religião e a ciência. O sociólogo entende que a forma com que os indivíduos se

relacionam com a religião aponta para o “estágio desenvolvimental” de sua racionalidade, e o medidor seria se essa relação se dá por meio de magia ou da religião propriamente dita.

A relação com a magia seria um momento anterior à religião. Trata-se de um momento onde há uma clara afinidade com a fase “animista” (Alves de Souza. 2006. p. 156), pois é uma humanidade completamente imersa em um mundo cheio de entidades e seres celestiais, que independentemente de serem bons ou ruins influenciam e alteram a vida humana. É uma existência em que os homens e os deuses compartilham o mesmo mundo, havendo um acesso direto entre as duas partes. Neste mundo “encantado”, sobrenatural e natural se confundem e influenciam a vida como um todo, tornando todas as ações encantadas, de modo que a magia faz parte da própria vida, não resumindo-se somente a um momento ritualístico.

Não obstante, as ações dentro do próprio campo religioso provocaram o seu “deseccamento”. Passa-se a crer, e essa crença é introduzida, na história ocidental¹, inicialmente pelos profetas do judaísmo antigo juntamente com o pensamento científico helênico, que passam a postular que não é necessário magia para acessar o divino, ocorrendo o rompimento das práticas mágicas nos sacramentos. Como aponta Weber (2004), essa questão será o imperativo de toda “religião de salvação” (Weber, 2004. p.213), que considera que os esforços “deste mundo”, sejam quais forem, não são suficientes para acessar o “mundo celestial” infinitamente perfeito.

O mundo é desencantado, portanto, na medida em que há a eliminação da magia como forma de relacionar-se com a divindade e meio de salvação. Daí em diante, o valor que antes era destinado aos rituais é transferido para a conduta diária, pois é aí que as bênçãos divinas são evidentes agora.

O mundo mágico é desativado e o que passa a interessar são as práticas humanas em relação a divindade, dessa forma, tanto problemas como bênçãos são entendidas conforme a conduta dos homens, se estes agradaram ou não a divindade. Todavia, a eliminação dessa compreensão de mundo exige uma formulação sistemática do andamento do mundo, torna-se necessário responder aos problemas e ações no mundo de forma racional. Pois, agora, a posição não é mais de obrigar o agir de Deus por meio da magia, mas sim de reverência a um Deus ético que possui exigências, restando a obediência aos seus mandamentos.

¹/.

Anos após a instauração dessa religião ocorre a segunda ponta deste desencantamento, e a força que o opera é a ciência. Neste momento, a ideia de realidade transcendente é desfeita, refutando-se a crença que o mundo pode ser explicado a partir de um Deus. A ciência passa então a explicar o mundo como uma consequência causal, tornando o mundo em uma existência “errante, caótica e sem sentido”, onde os eventos se sobrepõem uns aos outros sem que seja possível torná-los compreensíveis.

Sendo assim, se em um primeiro momento o mundo é desencantado pela retirada dos espírito, deuses e magia, e no lugar dessa lacuna apresenta-se um sentido metafísico de um mundo ordenado por Deus, oferecendo-se um mundo natural com um sentido metafísico, o pensamento moderno, através da ciência empírico-matemática depõe essa metafísica religiosa e oferece um mundo totalmente naturalizado, que é analisado de forma objetiva, não havendo necessariamente uma explicação que ligue os fatos à causas determinadas. Tudo passa, portanto, a ser explicado pelo cálculo, sem a ajuda de Deus

Não obstante, Mariana Cortês (2020), ao realizar uma análise sobre a racionalização de Weber (2004) e como ela é percebida na contemporaneidade, destaca que esse processo de desencantamento do mundo não pode ser visto separadamente, pois para o autor há um elemento que ligou o desencantamento do mundo feito pela religião ao da ciência, e este é o calvinismo. Dessa forma, uma força religiosa teria preparado o terreno para o toque final de desencantamento do mundo que a elimina enquanto verdade. Essa é uma consideração crucial nesse trabalho pois o centro da pesquisa localiza-se em um campo religioso da contemporaneidade, e o contexto religioso, especialmente brasileiro, é povoado de técnicas e pressupostos dos mais diversos, e a questão que fica é: tal qual o calvinismo teve uma conduta que foi similar e impulsionou indiretamente à prática capitalista, será que a conduta dos fiéis da Sal da Terra também desemboca nessa relação? Cabe averiguar, portanto, o processo que o calvinismo passou para chegar a este ponto, para assim seguirmos a investigação do que ocorre com o pentecostalismo na contemporaneidade.

1.1 O papel do calvinismo no desencantamento do mundo

Retirada a magia, anos luz o protestantismo instaura-se e finaliza esse desencantamento através da elaboração da doutrina de salvação somente pela graça, *sola gratia*. Passa a se compreender que nada que o homem faça pode o salvar, pois essa é uma decisão estritamente divina, e se é assim, qualquer tentativa de mediação ou busca de

convencer a divindade é sacrilégio e digno de repúdio. Assim, os protestantes “(...) consumaram a mais radical desvalorização de todos os sacramentos como meios de salvação e assim levaram o “desencantamento” religioso do mundo às suas últimas consequências” (WEBER, 2004, p. 133).

Na leitura de Weber (2004), a teologia calvinista interpreta um Deus que se coloca além do bem e do mal, absolutamente inacessível aos seres humanos, sendo uma entidade supramundana cujos desígnios não podem ser desvendados. Essa noção rompe com o deus que por meio de rituais e sacrifícios podem ser acessado e compreendido, e considera-o intransponível, e não somente pela barreira intransponível entre “este mundo” e o “outro mundo”, postulado pelas religiões salvíficas anteriores, mas porque tentar compreender o mundo é pressupor que os desígnios eternos podem ser acessados, e isso é motivo para acusar o fiel de buscar a sabedoria própria.

Como os desígnios de Deus determinaram o destino dos homens na vida após a morte desde o início dos tempos, estão dispensadas as formulações sobre justiça e mérito dos indivíduos nessa vida. Desse modo, Deus torna-se incompreensível e informulável, tal qual afirma as religiões propriamente místicas, pois não há como acessar o eterno, muito menos explicá-lo. A formulação sistemática que oferecia sentido ao mundo elaborada pelas religiões salvíficas é literalmente extirpada. São por estes traços que Weber se interessa pelo calvinismo, pois conclui-se que este desencanta o mundo nas duas pontas: elimina a magia ao mesmo tempo que esvazia o mundo de sentido, e está aqui a sua relação com o desencantamento operado pela ciência, pois a ciência é a responsável por esvaziar o mundo de sentido até suas últimas consequências. Enquanto o calvinismo ausentou-se de uma explicação que oferecesse sentido aos problemas do mundo pressupondo a inacessibilidade de Deus, a ciência finaliza esse esvaziamento, mas agora retirando também a presença de Deus, o mundo é entregue ao caos.

Percebe-se assim que os pressupostos calvinistas conversaram e podem ter preparado o terreno para uma iniciativa que exclui seu principal pressuposto: a divindade. Dada essas condições, como os indivíduos reagem a essas visões de mundo? Para isso, será analisado primeiramente o crente calvinista, e em seguida, o indivíduo diante deste contexto científico.

1.2 A reação do calvinista diante de um destino incerto e inacessível aos saberes humanos

O calvinismo está diante do desencantamento realizado somente pela religião. Poderia se esperar que o fechamento de acesso ao eterno levaria ao fatalismo e desespero dos calvinistas. Não obstante, o que ocorreu é exatamente o contrário: frente a incerteza sobre a vontade de Deus, e conseqüentemente, sobre quem será livre do inferno, os puritanos assumiram uma ascese talvez nunca vista até então, na tentativa de perceber em suas ações rastros da presença da graça de Deus.

Essa resposta ascética deve ser destacada, pois como demonstrou Weber (2004), ela não se resume às características dos puritanos na esfera religiosa, mas surte efeitos impactantes na vida econômica em geral. Baseando-se principalmente em Richard Baxter, visto seu destaque dentre os propagadores literários da ética puritana, Weber (2004) demonstra que há uma grande ressalva do puritano ao perigo das riquezas, compreendendo que a busca pela riqueza em si fere a busca pelo reino de Deus.

Os escritos puritanos estão recheados de condenações morais a respeito do “descanso sobre a posse”, entendendo-se que o gozo na riqueza, o ócio e o prazer carnal que dela decorrem representam o abandono da vida santa, uma vez que “o descanso eterno dos santos” (Weber. 2004. p 142) foi prometido para o Outro mundo. Dessa forma, ao passo que na terra os homens devem buscar a certeza de seu estado de graça, qualquer coisa que não vá nesse sentido é moralmente reprovável. “Ócio e prazer, não; só serve a ação, o agir conforme a vontade de Deus inequivocamente revelada a fim de aumentar sua glória” (WEBER, 2004, p.143). Nesse sentido, a perda de tempo é o mais grave de todos os pecados.

A vida na terra neste íterim deve ser dedicada a consolidar a vocação outorgada por Deus a cada um. E, apesar de a máxima “tempo é dinheiro” não ter sido formulada originalmente pelos autores do puritanismo, Weber (2004) argumenta que a noção que o tempo é valioso e cada hora perdida é diminuição do serviço para a glória de Deus é semelhante com essa ideia de Franklin. Há uma série de exortações visando a defesa do trabalho duro, em que toda fuga disso é sintoma de ausência do estado de graça. Na postura medieval, o trabalho era visto como essencial, todavia o motivo era porque este era o meio de manutenção da vida individual e coletiva, de maneira que havendo condições suficientes de sustento, o trabalho podia estar ausente, e a contemplação é vista como uma das formas de se operar no Reino de Deus. Porém, em Baxter (2004), tais exceções são completamente

abolidas, com base no preceito de que a riqueza não abole o mandamento divino: “Quem não trabalha não coma” (Paulo apud Weber. 2004 p.144). O fato de uma pessoa obter condições de se sustentar não o exime da obediência ao mandamento de Deus, o que vale para o pobre deve, portanto, valer para o rico.

Weber (2004) explica que em Lutero a posição social que um indivíduo ocupava era resultado da vontade de Deus, desse modo era obrigação do fiel permanecer nessa posição e nos limites que Deus o colocou. Os puritanos, por sua vez, veem a qualidade do trabalho através dos frutos. Providencialmente, o trabalho adequado é o que for mais ordenado e sistematizado possível, para que assim não haja desperdício de tempo, ficando de fora todo trabalho que fuja à rotina fixa. Desse modo, todo este trabalho deve ser operado não com o fim em si mesmo, mas deve ser feito de forma racional, exercitando as virtudes e operando da melhor forma para a glória de Deus, e tais ações evidenciam o estado de graça.

Além disso tem ainda um terceiro aspecto no trabalho: “a capacidade de dar lucro.” Entende-se que se Deus indica um dos seus para produzir lucros não se deve recusar, pois isso seria não se apropriar da vocação que Deus outorgou. Assim, a riqueza é condenável se a aspiração pelo acúmulo desta tiver como objetivo o prazer e uma vida sem preocupações. Quando, porém, ela é realizada como uma tarefa vocacional, é não somente permitida, mas obrigatória. Diante disso, Weber (2004) aponta que, da mesma forma que a compreensão ascética sobre a profissão aponta para o tipo de homem especializado da modernidade, à interpretação providencialista a respeito das oportunidades de lucro corresponde ao homem de negócios. E aqui está um próximo passo fundamental da pesquisa do autor: tais semelhanças apontam para paridade entre a vocação profissional puritana e o estilo de vida capitalista.

Como visto anteriormente, este ascetismo intramundano condenava qualquer deleite com o fim em si mesmo. Assumindo sua característica mais marcante, os puritanos se apresentaram totalmente contrários a tudo o que fosse desfrutar da vida, e o que ela tem pra oferecer. Sendo assim, se opôs ao esporte, à cultura supersticiosa, às literaturas não científicas, a toda e qualquer prática de magia, e ao teatro. Conforme o autor, o ascetismo traz em si um mundo de contradições, entretanto, estas não alteram os efeitos que tal crença realizou nas gerações posteriores.

Acreditava-se, da parte dos puritanos, que o homem é apenas o cuidador dos bens que lhe foram entregues por Deus, e isto incorre em uma prestação de conta severa de todos estes bens, por isso ele não deveria usá-los para fins pessoais, mas somente para a glória de Deus, cuidando para que nada se perca e o que se tem seja multiplicado. Assim, a ascese protestante

intramundana “estrangulou o consumo, especialmente o consumo de luxo” (WEBER, 2004. p.155) A resposta a essas ações foi o efeito psicológico de liberar o enriquecimento frente aos obstáculos presentes na ética medievalista tradicional, legitimando o lucro como a vontade de Deus. Nesse sentido, a luta contra a ambição das riquezas não se traduz por uma negação do ganho, mas por uma rejeição ao uso irracional das posses.

Demonstra-se que os puritanos quakers (representantes mais consistentes dessa ascese) opõem-se contundentemente à conduta medieval de conforto sobre as riquezas, lutando justamente contra a ambição pela riqueza como fim último. Não obstante, “a ascese era a força que sempre quer o bem e sempre faz o mal” (WEBER. 2004. p. 156), isto é, condena-se a ambição pela riqueza, mas vê os frutos do trabalho sem descanso como benção. Esse imperativo de trabalho sem descanso, contínuo e sistematizado como o sinal mais evidente da regeneração e garantia da fé do ser humano, no fim das contas, serviu potencialmente de alavanca da expansão deste modo de vida no denominado “espírito do capitalismo”. O “estrangulamento” do consumo e a condenação da ambição tem como resultado evidente a acumulação de capital mediante a postura ascética da poupança. Ao passo que o consumo é denunciado, a utilização do capital volta-se singularmente ao investimento do mesmo, de modo que apesar de não haver cálculos exatos a respeito do impacto dessas ações, há resultados bastante palpáveis, observáveis na Nova Inglaterra e na Holanda, onde, apesar de ter sido breve a autocracia calvinista, pôde-se notar a simplicidade de vida dos grupos religiosos, mas com a presença de um forte impulso à acumulação de capital.

Essa prática, portanto, será percebida até mesmo pelos escritores mercantilistas, que perceberam que a superioridade capitalista dos holandeses se dá sobre os ingleses porque nos primeiros as fortunas adquiridas não eram direcionadas aos hábitos de vida feudais de enobrecimento. Houve portanto, até onde a conduta puritana alcançou, uma tendência à vida economicamente racional, e essa foi, sobretudo, conforme Weber, seu único portador consequente” (WEBER. 2004. p.158). Criou-se, portanto, a cama para o “*homo economicus*” (WEBER. 2004. p.158).

Weber (2004) ressalta, no entanto, que essa conduta ascética encontrou seu declínio no seu maior medo: a tentação da ambição. Mesmo diante de uma vida amplamente regrada e regulada, quando ocorre a acumulação da fortuna, percebe-se que os adeptos dessa postura ou cedem ao “enobrecimento” ou a disciplina chega ao seu limite e requer uma reforma.

Utilizando-se das palavras do próprio John Wesley, Weber (2004) demonstra que os anseios pelo desenvolvimento econômico estritamente religiosos visando a educação ascética só se tornava uma conduta de desenvolvimento com eficácia quando o ápice das intenções puramente religiosas entravam em declínio, “quando a tensão da busca pelo reino de Deus começou pouco a pouco a se resolver em sóbria virtude profissional” (WEBER, 2004, p.160), quando as premissas religiosas deram lugar a intramundandade utilitária. Quando o princípio apresentado por John Bunyan, em “O Peregrino”² dá lugar ao “*to make the best of both worlds*” (aproveitar o melhor de cada mundo), o que resta é uma consciência “farisaicamente” boa. Sob a condição de não utilizar suas riquezas de forma escandalosa e possuir uma conduta moral irrepreensível, o empresário burguês tem a consciência tranquila para perseguir seus interesses lucrativos, e isso é não somente uma benção de Deus, como um dever. Ao mesmo tempo, a ética puritana gera trabalhadores empenhados extraordinariamente, que fazem do trabalho a finalidade de suas vidas, além de dar-lhes tranquilidade a respeito da desigualdade de bens, uma vez que essa é resultado de uma obra especial e desconhecida da Providência divina.

Os motores capitalistas são aquecidos na medida em que a produtividade é garantida mediante a crença no trabalho como vocação, e imperativo para todos os tipos de trabalho, desde o empresário ao pequeno operário. Por mim, Weber (2004) elucida como o *ethos* puritano se sobrepôs economicamente aos demais e criou raízes tão profundas que o autor não vê horizontes de fim destas. Conforme o sociólogo, basta voltar aos ideais de Benjamin Franklin que se percebe elementos essenciais do “espírito do capitalismo” presentes nas linhas da ascese puritana no trabalho. Reconhece-se novamente que a novidade não é só a importância da ascese puritana para o trabalho profissional moderno, mas sim o elo indispensável entre especialização e renúncia.

Weber (2004) entende que quando a ascese dos mosteiros rompeu os limites do monastério e passou a perpassar toda a vida profissional, ela não modificou simplesmente a vida dos fiéis puritanos, mas contribuiu para a edificação de um poderoso cosmos econômico. Esse cosmos, atrelado à produção pela máquina, determinou o modo de vida dos indivíduos que nascem dentro dessa engrenagem, e isso inclui não somente aqueles que estão inseridos no meio econômico, sem esperanças de fim desse processo. Nas palavras de Weber:

² Que o homem passa pela vida em fuga das vaidades em busca do reino dos céus.

“Na opinião de Baxter, o cuidado com os bens exteriores devia pesar sobre os ombros de seu santo apenas “qual leve manto de que se pudesse despir a qualquer momento”. Quis o destino, porém, que o manto virasse uma rija crosta de aço (célebre tradução de Parsons: iron cage = jaula de ferro). (WEBER, 2004. pg.165).

Todavia, Weber (2004) demonstra que o capitalismo em determinado momento se despe dos fundamentos religiosos da ascese puritana, restando somente o dever profissional, sem raízes ou intenções religiosas. Marina Côtés (2020) demonstra, a partir de uma profunda análise das teses de Horkheimer, Manent e Agamben a respeito do homem na modernidade, que estes, por caminhos distintos, ressoam o argumento final de Weber em sua obra: quando a salvação deixa de ser o objetivo das ações que movem o motor capitalista, os homens continuam seu engajamento nas lutas, e é em relação a isso que nos ateremos, a fim de observarmos se há e se sim de que forma ascese na contemporaneidade e como ela se dá no meio religioso.

2. O homem “sem espírito” e “sem coração” teria encontrado um motor de agência?

O protestantismo, como visto, produziu uma ascese intramundana, dando origem a uma práxis sem precedentes. Essa ação proporcionou os estímulos psicológicos que o capitalismo precisava para que sua constituição fosse bem sucedida. Ao passo que há separação destes dois fatores históricos, resta uma questão, e Cortês (2020) a faz enfaticamente: séculos após a instauração da sociedade de produção a partir do século XVIII, ainda há relação entre ascese e capitalismo? Isto é, a disciplinarização presente no protestantismo ainda é presente na vida mesmo que esta tenha se desvencilhado do capitalismo? Weber (2004) à sua época assume que não conseguia conceber se no futuro os indivíduos ainda estariam sob tal “crosta” e se ao passar dos anos poderiam surgir novas ideias ou renascer antigas ideias, ou se restaria somente uma “espécie de auto-suficiência” (WEBER, 2004, p. 156). No entanto, o desenvolvimento da história traz consigo algumas questões talvez não premeditadas pelo sociólogo que corroboram para a compreensão sobre a permanência ou não da ascese na contemporaneidade.

Mariana Cortês (2020) aponta que há teorias, como a de Luc Boltanski e Eve Chiapello (2009), que compreendem que essa ascese teria dado lugar a um espírito capitalista pautado na acumulação flexível frente a ruptura com os modelos fordistas/tayloristas, nascendo uma organização que não se pauta mais na disciplinarização e rigidez do trabalho.

Percebe-se na história que nasce uma organização que procura por características contrárias às da sociedade de produção, como flexibilidade, desapego, mobilidade, etc. Por estes fatores, os autores entendem que a crítica contracultural a respeito da vida monótona da sociedade de massas do pós-guerra e a conseqüente reivindicação de liberdade na definição da própria subjetividade teriam sido apropriadas pelo discurso empresarial para reformar o mundo do trabalho.

Não obstante, como aponta a autora, Pierre Dardot e Christian Laval (2016), apesar de concordarem com Boltanski e Chiapello (2009) sobre a apropriação do movimento contracultural pelo discurso do *new management*, contra-argumentam que esses autores caem na armadilha de que o capitalismo se sustenta estritamente pelo discurso retórico da flexibilização como nova conduta de vida. Cortês (2020) explica que esse veredito da parte de alguns autores sobre a ruptura entre ascese e capitalismo ocorre ao passo que emerge a noção de “pós-modernidade”, que é o momento em que os autores creem que a sociedade da produção estaria dando lugar à sociedade do consumo, havendo a dissolução da ascese laborial presente até então pela máxima da satisfação do gozo. Não obstante, análises posteriores, como a de Dardot e Laval (2016) apontam para um outro diagnóstico, e para compreendê-lo, é preciso investigar o que sustenta os indivíduos uma vez que as premissas religiosas teriam sido deixadas para trás.

No curso ministrado no Collège de France intitulado *Nascimento da biopolítica*, Michel Foucault (2008) realiza um grande empreendimento genealógico a respeito do neoliberalismo. Com base em seus achados, o autor compreende que o neoliberalismo não pode ser reduzido a uma categoria ideológica ou política macroeconômica, mas trata-se também de uma nova modalidade de governamentalidade, sendo uma resposta à questão que outros poderes igualmente buscaram responder, a saber: como conduzir a conduta do outro? (CORTÊS, 2020, p.140). Do mesmo modo que analisa o neoliberalismo, o pensador também observou o liberalismo. Desta forma, ele percebe diferenças fundamentais entre estes dois modelos que apontam para a emergência de um novo modelo societário: 1) ao contrário do *laissez-faire*, não deixa-se o mercado atuar livremente, busca-se impulsioná-lo pelo Estado; 2) as relações não econômicas devem funcionar com a mesma lógica econômica; 3) não pretende reformar os indivíduos pela disciplina, mas a partir do meio em que estes estão inseridos. Há aqui, um elemento fundamental para o presente trabalho: o neoliberalismo não requer que os indivíduos se curvem a dispositivos disciplinares, esforçando-se para que eles não se desviem da conduta desejada; no lugar disso, ele altera os meios em que tais indivíduos estão

inseridos. E aqui, Cortês (2020) levanta uma questão com base na teoria weberiana a respeito da modernidade que corrobora para a discussão pretendida: o que seria necessário para que os indivíduos respondessem a este mecanismo governamental de alteração constante dos meios? A resposta segue a lógica do desencantamento do mundo: o sujeito que o neoliberalismo está governando é o sujeito esvaziado de sentido ético-moral, o “gozador sem coração” que está à parte da reflexão sobre os fins, e é este sujeito desencantado que se torna propício a se tornar o *homo economicus*, e assim se tornar “responsive” às variáveis do meio, como trabalha a autora. Nesse caso, o processo de desencantamento do mundo analisado por Weber (2004) foi fundamental para adequar os indivíduos à governamentalidade neoliberal.

No mesmo sentido, Silvia Viana (2012) realiza sua tese em “Rituais do Sofrimento”, compreendendo que a mesma lógica do trabalho contemporâneo opera nos programas televisionados nomeados “realities shows”. Quebrando com a ideia que a fama destes programas se dá pela curiosidade dos espectadores de invadir a vida privada, Viana (2012) aponta que os realities são na verdade uma duplicação midiática do mundo do trabalho no neoliberalismo, dessa forma tais condições presentes no jogo não estranham os telespectadores. É o laboratório onde os jurados, produtores e diretores podem experimentar as regras nos jogadores, uma vez que elas podem ser alteradas conforme as intenções dos “engenheiros do show”.

Viana (2012) considera os realities shows diferentes dos antigos shows de calouros, pois compreende que por mais que houvesse uma certa estupidez nesses programas parecia haver uma justiça no mérito, havendo uma humilhação supostamente meritocrática. No show de calouros, por exemplo, estava explícito que o julgamento estava pautado no mérito, os calouros sabiam no fim porque erraram. Agora, no caso dos realities pouco importa o que as pessoas sabem ou não fazem, o critério de avaliação não se pauta mais nas capacidades e habilidades em fazer determinado trabalho. O “saber fazer” não só não importa como pode impedir a vitória, de modo que o trabalho concreto é colocado em segundo plano, e no lugar dele entra a personalidade de cada jogador ou os relacionamentos entre eles; são esses fatores que são sumamente analisados pelos juízes. A subjetividade é assim o ator principal, e aí “vale tudo” (VIANA, 2012, p.79). Desse modo, para conquistar o público é preciso uma espécie de *je ne sais qual*, que significa “eu não sei o que”. Visto isso, as mesmas formas de agir dependendo da percepção dos juízes serão vistas como boas ou ruins, o que faz com que no limite estes programas pautem-se somente na empatia. Assim como as empresas contemporâneas, deseja-se que as pessoas sejam além de boas, mas que surpreendam,

destaquem-se em meio ao comum, busca-se a “excelência”. E isso faz com que as ações não sejam analisadas a partir dos resultados, mas de características psicológicas, éticas, econômicas, físicas, etc.

Como explica Cortês (2020), Silvia Viana percebe que os realities duplicam a lógica social que passou a governar o universo do trabalho na ascensão do capitalismo flexível, instalando-se uma avaliação do desempenho individual que minou a análise da capacidade de execução de determinado ofício. Nesse sentido, tal qual o jogador, o trabalhador já não sabe mais porque foi admitido ou demitido, pois “o espaço do trabalho se tornou em um ‘jogo de azar’ incerto e opaco” (CORTÊS, 2020, p. 142).

Viana (2012) percebe que a busca por líderes extraordinários vem exatamente dessa noção que espera uma constante superação frente ao obstáculos, é a busca de dons especiais e sobrenaturais que excedam às limitações presentes, é a necessidade de constante demonstração de milagres, para que assim o lugar de líder esteja assegurado, caso contrário “a esperança aguarda e procura um novo portador” (VIANA, 2012, p.80). Estas esperanças são, contudo, colocadas lado a lado pela falta de critérios do próprio jogo.

Todavia, apesar desta ausência de parâmetros, os jogadores não deixam de buscar estratégias de jogo, oscilando entre duas prerrogativas: “ser você mesmo” e “jogar”. Mesmo que muitas vezes contraditórias, visto que na vida real as pessoas não estão jogando, essas premissas são as armas dos jogadores para eliminarem o “outro” para que não sejam eliminados, ao passo que não agir sob esse imperativo seria escolher a própria eliminação. Dessa forma, o fundamental é não cruzar os braços, mas ir à luta.

Neste prisma, se a regra é não deixar de jogar, têm-se um critério sem conteúdo: o movimento. O maior erro de um participante de reality é não agir, mesmo que a forma de continuar agindo seja debater-se para sobreviver. Deixar de agir por um minuto é literalmente abandonar o jogo ou optar por sua eliminação. Isso faz com que a “pró-atividade” ultrapasse seu significado literal e pressuponha a antecipação dos riscos que ainda não existem, mas podem vir a existir, pois ao mesmo tempo que o futuro é incerto, a eliminação é completamente palpável. Por isso a acomodação não é simplesmente um erro, mas fatal.

Por isso a não acomodação está alicerçada na aceleração, é uma cena comum nos realities ver pessoas correndo de um lado para o outro, buscando incessantemente manter-se de cabeça erguida para não se afogar. Percebe-se que correr não é simplesmente a busca de antecipar-se, mas a fuga de uma ameaça que se aproxima por trás. Por isso a conquista, perpassando pelo ato de aguentar a pressão e correr atrás do prejuízo, resume-se simplesmente

na autoconservação. “O ar puro que respiram os ‘vencedores’ só parece grande coisa porque sob sua cabeça está pintado um mar revolto. Que imagem pavorosa!” (Adorno *apud* Silvia, 2012, p. 84). Para Silvia, este é o retrato da realidade contemporânea: a supremacia da aspiração e pânico, onde aspirar é querer levar ar aos pulmões, que é fugir do monstro que respira em sua nuca.

Todos estes aspectos apontam para um traço emergente na realidade: nos anos 90 anunciava-se a libertação da burocracia por meio da flexibilidade. Esta última prometera autonomia, espontaneidade e horizontalidade. Todavia, os programas de realidade das TVs dos anos seguintes demonstraram como o romantizado “terceiro espírito do capitalismo” vem perdendo seu apelo, e emerge um capitalismo sem espírito, uma vez que sua permanência pauta-se na sobrevivência. Ou seja, a flexibilidade tende a ser quase uma necessidade para não querer perecer.

Como explica Mariana Cortês (2020), tal qual os participantes, os “colaboradores” das empresas não se prostram derrotados, pelo contrário, estes lutam incessantemente a fim de provar sua excelência, demonstrando seus “milagres”. Quanto maior a estranheza das regras, com mais afinco labutam os jogadores para permanecerem no jogo e no mundo do trabalho. “A intransparência das regras – um poderoso motor de intensificação do engajamento dos indivíduos” (Cortês, 2020, p. 143). E aqui Cortês (2020) elucida um aspecto fundamental: Weber havia demonstrado que os puritanos compreendiam que quanto maior o engajamento no trabalho, maior a certeza da salvação, e essa mesma lógica aparece agora séculos depois, mas agora sem o anseio pela graça divina. Agora, os “colaboradores”, como elucidado no argumento de Silvia Viana (2012), estão enclausurados em uma “caçada sem descanso” em que o que está em jogo é sua própria sobrevivência. Como argumenta Viana (2012), a possibilidade de não perecer nessa altura está atrelada à capacidade de valorização do que é intrínseco aos homens: ele mesmo.

Não obstante, a engrenagem da indeterminação das regras do jogo social e o mecanismo permanente de seleção são os dois princípios que asseguram o imperativo urgente da necessidade de sobrevivência. Isto é, os indivíduos só permanecem nessa engrenagem incessante sob a ameaça de que não há espaço para todos. De forma surpreendente, como mostra Cortês (2020), essa ideia de escassez foi introduzida primeiramente pela religião calvinista, quando interpreta a graça como limitada a um pequeno grupo de pessoas. Ainda que o “espírito do capitalismo” tenha se desvincilhado da “ética protestante”, esse critério da seleção permanece, porém, secularizado. Por meio da competição, o capitalismo imprime a

ideia de que “o mundo é dos mais fortes”, somente os fortes sobrevivem enquanto os mais fracos são descartados por sua incapacidade. Assim, há uma luta contra todos baseada na ideia de que não há espaço para todos, pois não há espaço no céu calvinista, tampouco nos realities shows e no mundo do trabalho.

Diante disso, Cortês (2020) elucida que estes dois aparatos externos – o princípio de seleção do jogo social e a indeterminação das regras que operam esse mesmo jogo social – sustentam a sociedade contemporânea, e ambos foram percebidos por Max Weber em sua obra sobre o espírito do capitalismo (2004). Não obstante, fatores exteriores aos indivíduos não são suficientes para sustentar uma ação por longo tempo. Com base em Foucault, Cortês (2020) explica que nenhum poder se sustenta somente por meio de aparatos violentos, pois este só é eficaz por completo quando cria um novo sujeito. E este é o diagnóstico que Dardot & Laval (2016) também apontam ao se oporem às teorias que resumem o neoliberalismo a uma ideologia ou política econômica. O neoliberalismo encontrou a resposta sobre como governar a conduta do outro concebendo que não é possível governar o outro sem haver um governo de si mesmo.

Essa é uma ideia captada em Max Weber (2016) quando este se propõe a estudar o capitalismo além dos aspectos macroestruturais, buscando dimensionar os aspectos psicológicos que engajaram os indivíduos a atuarem com a postura capitalista desejada. No caso dos puritanos, percebeu-se que a insegurança da salvação os levou a governar a si, o que gerou a ascense apontada. Nesse mesmo sentido, Cortês (2020) demonstra, com base em Foucault (2008), que o neoliberalismo não poderia atuar somente por meio de aparatos ideológicos e macroeconômicos, foi necessário criar um novo sujeito que correspondesse à nova configuração social. Como demonstram Pierre Dardot e Christian Laval (2016), a sociedade neoliberal requer uma nova ordem subjetiva que permita sua efetividade em ampla escala. Pois o sujeito das sociedades industriais já não é mais suficiente para essa nova ordem, uma vez que o sujeito da sociedade neoliberal é alicerçado em uma nova lógica.

Partindo desse ponto, Laval e Dardot (2016) demonstram como os psicanalistas e sociólogos já perceberam esse novo sujeito na sociedade. Antes, a percepção dominante nas ciências sociais compreendia o neoliberalismo como uma nova ideologia que visava implantar políticas econômicas. Todavia, os autores atestam que houve um erro de diagnóstico destes analistas, porque estes presumiram que para combater o neoliberalismo era necessário compreender seus projetos de leis, não obstante, há um fenômeno não só político como psicológico dentro do neoliberalismo. Este é também o ponto central a partir do qual Cortês

(2020) trabalha. Compreende-se que ao invés de estarmos diante de uma sociedade voltada puramente para o gozo, há um novo aparato psicológico que é fundamentalmente ascético, como antes, em outra configuração, havia sido a conduta de vida dos puritanos.

Atesta-se que para que os indivíduos possam diariamente atuar sob essa norma indeterminada que se fundamenta na seleção, estes precisam com bastante zelo racionalizar suas ações para que cumpram as exigências “da vez”. Desse modo, assim como os calvinistas racionalizaram cada partícula de suas vidas, esse novo sujeito inspeciona cada partícula de sua vida, todavia, essa inspeção busca tornar cada uma dessas partículas valoráveis, fazendo delas um capital humano.

Essa teoria do capital humano é trabalhada pela Mariana Côrtes (2020), Silvia Viana (2012) Foucault (2008), Pierre e Dardot (2016), sendo amplamente discutida nos meios sociológicos, e isso elucida a importância do tema no que tange ao estudo do neoliberalismo. Mariana Cortês (2020) elucida que Foucault faz um trajeto sobre o estudo do tema que foge às buscas tradicionais. Para além da análise sobre a natureza do livre mercado, o autor atentou-se à racionalidade presente neste contexto. Dessa forma, ao voltar-se para os autores neoliberais norte-americanos dos anos 1960/1970, percebe-se que há uma crítica ao liberalismo clássico a respeito do trabalho, pois este reduz o trabalho a variáveis quantitativas sobre o tempo de trabalho. O caminho proposto é que se compreenda o trabalho do ponto de vista do trabalhador, o percebendo não como um objeto dentro do jogo da oferta e da procura, mas como um “sujeito economicamente ativo” (FOUCAULT, 2008, p. 307- 308).

Dardot e Laval (2016) observam que nas democracias liberais havia uma certa tolerância para com a heterogeneidade do sujeito ao garantir a separação das várias esferas da vida, o que gerava de certa forma a independência das instituições. Como trata Foucault (2008), pensava-se a relação econômica estritamente na esfera econômica. Contudo, a partir da nova racionalidade neoliberal, a inteligibilidade econômica então passa a ser o critério de medida não somente das relações econômicas, mas de todas as relações humanas sem exceção.

Silvia Viana (2012) compreende que a possibilidade de não perecer nessa sociedade está atrelada a capacidade de valorização do que é intrínseco aos homens: ele mesmo. O imperativo é: os seres humanos são possuidores dos seus meios de produção, que são, na teoria do capital humano, suas capacidades e habilidades físicas e psicológicas. Nesse sentido, quando os indivíduos buscam aperfeiçoar alguma característica humana, na verdade eles estão investindo em seus próprios capitais humanos. Partindo disso, a sociedade classifica os

indivíduos conforme seus capitais, por isso é preciso constantemente buscar a valorização do capital para que os indivíduos tenham valor em sociedade. Esta seleção se dá em todos os aspectos da vida social, e um deles é o trabalho. O capital e o trabalho estão em pé de igualdade, estando associados em um processo que beneficia tanto a empresa como os trabalhadores, que agora são vistos como sócios. E sendo assim, tem-se a ideia de que os “sócios” são livres para aplicar melhor as prioridades que bem entenderem.

Nesse sentido, o capital humano define-se não somente pela carga que um indivíduo acumula no decorrer de sua vida profissional, mas envolve o que constitui sua personalidade, seus traços subjetivos, incluindo desde a aparência ao histórico afetivo. Assim, como dito por Viana (2012), todos os aspectos do ser humano em si compõem um capital humano a ser vendido que deve ser constantemente investido e valorizado. Como também argumenta Cortês:

Cada detalhe da nossa existência deve ser submetido ao escrutínio da inteligibilidade econômica: quantas calorias possuem as coisas que comemos; quais os exercícios mais adequados para acelerar o metabolismo e tonificar os músculos; que performances agenciamos na nossa sexualidade; como tornar nossos afetos produtivos; que procedimentos são necessários para desenvolver nossa espiritualidade; como construir uma narrativa de si nas redes sociais (CORTÊS, 2020, p.147-148).

Cortês adverte diante dessas características que todas essas descrições não podem ser definidas como experiências hedonistas de uma sociedade do consumo. Todas as esferas da vida não são racionalizadas em prol do prazer ou consumo, e sim porque não o fazer significa a desvalorização do capital que corresponde exatamente à perda da empregabilidade. O capital humano precisa estar em constante movimento de aperfeiçoamento. Portanto, “tudo o que foi descrito não é consumo, é trabalho” (Cortês, 2020, p.148). Como descrito:

Quando se matriculam nas academias para fazer a última modalidade de ginástica; se esforçam para cultivar uma nova rede de amigos; iniciam um curso para meditação transcendental; dão duro desde de manhã nas redes sociais ao postar uma foto cuidadosamente selecionada para obter avaliações positivas; os sujeitos não estão consumindo, eles estão trabalhando (CORTÊS, 2020, p. 148).

É nesse sentido que Silvia Viana (2012) também aponta para a homologia dos realities com o mundo contemporâneo. Como Viana (2012) retratou, os programas voltados para a transformação estética não retratam uma experiência desejável e prazerosa de se tornar uma pessoa melhor. O processo humilhante que a pessoa se submete ao receber o julgamento de consultores, do público e de parentes é um investimento no seu capital, uma vez que a nova versão conquistada supostamente retorna para si em forma de valorização de seu capital. Como trabalha Viana (2012), os indivíduos arcam com todos os riscos e consequências necessárias para girar seu capital o mais rápido e longe possível, atuando assim, tal qual o dinheiro, acima das limitações humanas.

É assim um sacrifício constante de abdicação de prazeres momentâneos, como comer sem preocupação com a quantidade de calorias, ou submeter-se a uma cirurgia invasiva em busca da manutenção da funcionalidade dentro da máquina de seleção, que constantemente escolhe os aptos e elimina os que não se enquadram. Cortês (2020) percebe assim que se instaura uma ascese na qual os indivíduos devem constantemente gerir suas características, desde as físicas às emocionais. Todavia, capta-se que não há aqui um desejo de transcendência como na ascese puritana, essa nova ascese é imanente, pautada no investimento constante de si visando a permanência do jogo por meio da valorização do capital. É por obter esse mesmo diagnóstico que Silvia Viana (2012) afirma que esta sociedade não pode ser compreendida como a sociedade do “consumo” ou da “produção”, mas do investimento, pois o consumo está atrelado não ao gozo, mas à valorização do capital.

Assim, conclui-se que a ascese relacionada ao capitalismo anunciada por Weber não se ausenta na contemporaneidade, mas assume uma nova forma diante da fabricação do sujeito neoliberal: uma modulação infinita do eu por meio da valorização contínua do capital humano. (Cortês, 2020, p. 149). As elucidações até aqui realizadas comprovam, portanto, que as teses que concebem que a ascese teria dado lugar ao gozo enganam-se ao não perceberem que a jaula de aço anunciada em Weber (2004) segue presente, só que agora, como anunciam Dardot e Laval (2016), os indivíduos são obrigados a construí-la para si: “seria melhor dizer que cada indivíduo é obrigado a construir, por conta própria, sua ‘jaula de aço’ individual” (Dardot e Laval, 2016, p. 330).

Bruno Casalotti Camillo Teixeira (2016), trabalhando com essa nova configuração social, pontua que seja o “espírito do capitalismo” ou uma “nova razão do mundo” (PIERRE, LAVAL) que mantém a sociedade atual, é importante atentar-se ao que une a sociedade, isto é, o que tem de comum entre os diferentes grupos presentes na sociedade que faz com que a

sociedade se mantenha de pé como tal. Já foi observado que surge uma nova ascese pautada na aprimoração da matéria - que é o próprio indivíduo - para que esta se mantenha em constante valoração e não perca sua validade para a sociedade no geral. Casalotti (2016) percebe a existência de uma espécie de ética de sucesso individual bastante evidente no mundo do trabalho e econômico, em que todos devem almejar o sucesso, em que o contrário é sinal de acomodação e fracasso. "Todos devem ser empreendedores, pensar 'pra frente', 'inovar', pensar 'fora da caixa'" (CASALOTTI, 2016, p.20). O mesmo traço apontado por Silvia Viana e os pesquisadores dos últimos capítulos. Não obstante, dentre os motores que enlaçam em um todo a diversidade social do mundo contemporâneo, Casalotti (2016) atenta-se a um deles: o *coach*, que em português é traduzido como treinador.

Observa-se que neste novo cenário estes novos atores aparecem como personagens dedicados, da mesma forma que um treinador de esportes, a aprimorar competências profissionais. É um profissional dedicado a preparar e promover pessoas para a dinâmica empresarial e de suas vidas privadas. Parece haver à primeira vista uma similitude nas premissas do *coach* com as características do neoliberalismo.

Como demonstra Casalotti (2016), é esperado surgirem técnicas que busquem atuar conforme a configuração social presente, nesse caso, é o neoliberalismo. Sendo assim, o *coach* aparece como uma ferramenta empresarial com objetivos que parecem ir ao encontro das premissas neoliberais, como já anunciado.

Contudo, é curioso perceber que o *coaching* projeta-se para além do meio empresarial, ele atua em diversos setores, e um deles é para a área espiritual dos indivíduos, e isso em certa medida envolve religião. E está aqui sua curiosidade para o presente trabalho. Como anunciado, a questão central do trabalho é averiguar a presença de uma disciplina pessoal no campo religioso a fim de compreender se ela se assemelha ao capitalismo tal qual ocorreu com os puritanos. Ao passo que o *coaching* tem uma proposta de aperfeiçoamento pessoal e parece ter semelhanças com as premissas neoliberais, é preciso analisar sua atuação no meio religioso, observando até que ponto foi introduzido nesse contexto e se essa introdução é o bastante para operar uma relação entre o neoliberalismo e a religião.

Como anunciado anteriormente, a Sal da Terra tem uma busca incessante pelo aprimoramento de seus membros e o que chama atenção é que sua abordagem parece bastante com a linguagem do *coaching*, o que é bastante intrigante e nos faz questionar: será que a Sal da Terra tem nessa ferramenta sua fonte para elaborar os mecanismos de

aperfeiçoamento dos seus membros? Se sim, comprovada a ligação entre *coaching* e neoliberalismo, seria o *coaching* o elo entre neoliberalismo e a Igreja Sal da Terra? É sobre isso que os próximos capítulos irão se debruçar.

3 - *Coaching* como elo entre neoliberalismo e religião

Bruno Casalotti Camillo Teixeira (2016), em sua dissertação *Os treinadores do “jogo interior”*: estudo sobre a prática do *coaching* no contexto de reestruturação produtiva no Brasil trabalha na mesma linha de pensamento do que tem sido trabalhado nas linhas anteriores, questionando-se sobre os mecanismos que mantêm de pé a sociedade contemporânea. Em busca de conceituar o *coaching*, o autor destaca que é um erro reduzir o *coaching* a um personagem dos livros de autoajuda, ou como um “guru” motivacional que é contratado conforme interesses pessoais. Ele propõe um olhar mais acurado, que escape a uma “sociologia espontânea”. Para isso, tendo como campo de pesquisa Porto Alegre e São Paulo, o pesquisador analisa os pressupostos metodológicos do *coaching*, a quem ele se dirige e quais as regras mais frequentes nas teorias, com a hipótese que o estudo dessas teorias pode ser um meio de compreender a dinâmica do mundo do trabalho contemporâneo.

Casalotti (2016) explica que uma rápida busca na internet sobre o tema do *coaching* pode deixar um leitor desavisado confuso, pois há uma diversidade de áreas sobre a qual o *coaching* atua, “há *coaching* para todos os lados: *coaching* executivo, *coaching* para lideranças, *coaching* para equipes, *coaching* para negócios, *coaching* financeiro, *coaching* educacional” (Casalotti, 2016, p.29). O pesquisador se deparou, dessa forma, em um labirinto diante de tantas informações. Todavia, saltou aos seus olhos a existência de associações e federações que visam a disseminação do *coaching* e certificados de *coaches*. Seu interesse se deu diante da aparente semelhança destas organizações com as instituições de *Taylor Societies* - estas que foram fundamentais para a difusão do taylorismo no mundo, e especificamente, no Brasil.

Antes de conceituar de fato o termo, Casalotti (2016) faz algumas ressalvas que são importantes para o interesse do trabalho. Destaca-se que o conceito de *coaching* vai muito além de uma simples ferramenta de organização do sistema do trabalho, isto é, associar o conceito simplesmente aos modelos de produção pós-fordista e toyotista é um equívoco. Mas, ao mesmo tempo, aponta que sua disseminação no meio empresarial só pode ser amplamente compreendida se analisada sob o processo de ascensão da reestruturação produtiva neoliberal.

Nesse sentido, considerando a diversidade de áreas que o *coaching* atua, Casalotti delimita-se a compreender não um determinado tipo de *coach*, mas suas linhas gerais, observando o que existe de recorrente em toda sua variedade de atuação, quais os temas e regras mais recorrentes. Isso é de grande contribuição para o presente trabalho, uma vez que nas linhas seguintes trataremos de como a linguagem do *coach* se mostra presente no contexto religioso, especialmente, no pentecostalismo da Igreja Sal da Terra de Uberlândia.

Conceituando o tema, Casalotti (2016) destaca a complexidade de tratar do *coaching* diante de um contexto no qual frequentemente surgem novidades no campo de treinamento empresarial, o que faz com que tal fenômeno pareça simplesmente mais um mecanismo dentre os “modismos gerenciais” (CASALOTTI, 2016, p.31). Dessa forma, ele concebe que este pode ser o caso, e dessa forma talvez o *coaching* não exista mais futuramente. Não obstante, entende-se que o *coaching* parece ser um símbolo de uma peculiaridade da contemporaneidade, o que o faz fundamental para o estudo sociológico.

Conceitua-se o *coaching* como uma forma de treinamento empresarial, ou, a depender do contexto, pode ser entendido como uma “educação corporativa”, uma “orientação profissional”, e até mesmo uma “capacitação empresarial”. Não obstante, não é simplesmente isso, são feitas algumas ressalvas. Primeiramente, apesar dos esforços teóricos em diferenciar o *coaching* da terapia, há uma semelhança muito forte, uma vez que é feito um atendimento do *coach* para seu *coachee* que retrata fortemente as consultas terapêuticas, ocorrendo em um espaço que remete a um consultório sob um contrato de sigilo. Em segundo lugar, demonstra-se que além dos *coaching* mais conhecidos - o executivo e empresarial - há também o *coaching life*, que direciona-se à vida privada, em que contrata-se um *coach* para alcançar metas na vida pessoal, desde às relações familiares à vida doméstica. Este último fator é visto com bastante curiosidade, visto que o direcionamento para a vida privada é feito, mas a essência desse “treinamento” permanece com a lógica empresarial.

Além disso, e agora voltando-se ao *coaching* empresarial, observa-se que ele não se dirige somente à classe executiva e empresarial do mercado. A princípio o foco é neste grupo. Mas a plena eficiência do treinamento se dá quando todos que participam do processo de trabalho também participam, sejam os pares dos empresários ou seus empregados. Dessa forma, para alcançar seus objetivos, o empresário precisa atentar-se para além de aspectos intrassubjetivos, mas precisa de um bom relacionamento com seus subordinados, além de fazer com que estes relacionem-se bem entre si.

São por estes motivos que a fundamentação científica do *coaching* se aparta do estudo dos movimentos no processo industrial e volta-se à sistematização de características subjetivas: afetividade, emoções, capacidades de comunicação e sentimentos. Tal qual a projeção teórica, altera-se também o cenário: no lugar das máquinas e seus operários, têm-se a presença tecnológica na forma de computadores, telefones e sujeitos engravatados Casalotti, 2016, p.33). Assim sendo, Casalotti (2016) demonstra que a configuração neoliberal é o terreno no qual o *coaching* assenta-se e encontra raízes. Em um mundo onde as transformações estão a todo vapor e exige-se dos indivíduos que estes lidem com isso sem perderem o controle, o *coaching* aparece com a promessa de ajudar os indivíduos a serem autocontrolados, o que o torna uma ferramenta indispensável para o alcance de metas no trabalho e vida pessoal.

Para o autor, o período de 1960 a 1964 passou por vários episódios que colocaram em cheque o sistema fordista, percebendo-se no geral sua incapacidade de garantir estabilidade a longo prazo no sistema produtivo em escala mundial. Com base em Harvey (1989), Casalotti (2016) aponta que esse período é marcado pelo conflito entre a rigidez dos investimentos no capital fixo e a necessidade emergente por flexibilidade. Além disso, o mundo enfrentava algumas crises, como a do Petróleo e o fim do acordo de *Bretton Woods*, o que foi a gota final para a necessidade da cisão com as bases do sistema fordista e o reordenamento do sistema produtivo. É nesse contexto que, como aponta o sociólogo, nasce o “novo padrão de acumulação do capital”, nomeado “acumulação flexível”, que trata tanto da forma de organização de produção como do fluxo de transformações mundiais.

Os anos após este período são marcados pelo florescimento e estabelecimento do neoliberalismo em escala mundial. O mundo passa por uma série de reorganizações empresariais, havendo “fusão, pulverização e deslocamento” (CASALOTTI, 2016, p.46) de grandes empresas, e junto a isso surge uma série de formulações políticas para justificarem as transformações ocorridas. Nesse ínterim, a discussão sobre a administração no trabalho emerge de forma significativa, havendo intensa reivindicação para a flexibilização do mundo do trabalho, permitindo o maior envolvimento dos trabalhadores no processo criativo.

Nesse sentido, as novas formas organizacionais, oferecendo uma faceta mais participativa e colaborativa nas empresas, propõem a abolição do sistema hierárquico baseado na dominação taylorista/fordista. Para que isso ocorresse, como demonstra Casalotti (2016), era necessário repaginar a imagem da direção empresarial. Assim, percebe-se a mutação nas literaturas empresariais dos termos de “diretor” e “gerente” para “líderes”; ao invés de

“funcionários”, têm-se “colaboradores”. Neste contexto, o sucesso do líder é medido pela sua capacidade de fazer com que seus colaboradores percebam a importância de seus trabalhos, promovendo seu entusiasmo a partir da apreciação de seu trabalho, o que diz muito sobre a reorganização dos recursos humanos nas empresas neste processo. Como aborda Casalotti:

Uma vez que as peças do tabuleiro são constantemente movimentadas, é preciso uma estratégia contínua de mobilização do entusiasmo dos subordinados; é preciso um sentido compartilhado nas metas que são colocadas pela direção, de maneira que se garanta a adesão de todos (CASALOTTI, 2016, p.47).

Dessa forma, aponta-se que em um contexto de reestruturação produtiva, surgem novos problemas e paradigmas, o que afeta diretamente a relação dos indivíduos. Por este motivo, surge a necessidade de elaborar uma gestão administrativa que corresponda às novas configurações, e esta se pautará na capacitação profissional.

[...] a nova gestão empresarial está povoada de seres excepcionais: competentes para numerosas tarefas, aperfeiçoando-se continuamente, adaptáveis, capazes de autogerir-se e de trabalhar com pessoas muito diferentes. E, no final, nos dizem pouca coisa sobre a contribuição das empresas para o desenvolvimento dessa categoria de trabalhadores: as organizações vão tornar-se ‘capacitantes’, a organização das competências vai tornar-se ponto essencial, e novas profissões são criadas, como a do coach, cujo papel é propiciar acompanhamento personalizado, que possibilite a cada um o desenvolvimento de todo o seu potencial (Boltanski e Chiapello 2009, p.105).

Voltando a 1974, Casalotti (2016) descreve que essa época foi marcada pelos escritos de um professor de tênis e treinador de esporte da América do Norte chamado Timothy Gallwey. Ele é autor da famosa obra *The Inner Game of Tennis*³, que trata das duas partes presentes em um jogo: “o jogo exterior” e “o jogo interior”. O primeiro jogo corresponde a questões externas, isto é, o embate com o adversário e os meios físicos para tal, como jogar a bola, segurar a raquete de tênis e etc. Essa parte do jogo era até então o foco dos treinadores. Todavia, o giro teórico de Gallwey é apontar a fundamentalidade do “jogo interior” para a eficácia do jogo. Por “jogo interior” concebe-se o jogo do jogador contra si mesmo, onde o

³ GALLWEY, W. Timothy. *The Inner Game of Tennis* (1ª ed.). New York: Random House, 1974.

jogador precisa buscar o controle de todas as características psicológicas que possam impedir o seu bom desempenho no jogo.

Nesse sentido, o desempenho perfeito ocorre quando se encontra o equilíbrio entre estes dois jogos. Quando este ponto é alcançado o indivíduo fica imerso no jogo a ponto de não precisar refletir sobre cada movimento, ele imerge em um nível em sua própria consciência que os movimentos exteriores saem perfeitos quase sem esforço. Gallwey propõe assim um treinamento para além da exposição de técnicas no jogo, deve-se levar o indivíduo a superar a si mesmo, suas características psicológicas.

Esse controle perpassa pelo controle do que o professor nomeia como dois “eus”. Casalotti (2016) expõe que Gallwey observa ao assistir os jogadores que estes estão sempre buscando comandar a si mesmo com as ordenanças: “vamos lá”, “levanta e vá em frente”. No fim dos jogos há ainda a advertências destes para si mesmos: “sua avó jogaria melhor”. Diante disso, o professor questionou “quem fala com quem?”, e a maioria das respostas era “comigo mesmo”. Foi então que o professor percebe que havia dois “eus” e que estes são distintos, em que um é o mandatário, a quem o autor nomeia “número 1”, e o outro é o executor, que executa as ordens recebidas, o “número 2”. Define-se assim que estão presentes no “jogo interior” estes dois “eus”, e o equilíbrio é o que torna o jogo eficiente, ou nas palavras do autor, “é o fator principal para determinar a nossa capacidade de converter o conhecimento da técnica em ação efetiva” (Gallwey, 1974, p.31-32).

O fundamento do método Gallwey se pauta, portanto, na melhora da relação entre o eu mandatário (número 1) e o eu executor (número 2). Observa-se que sem este processo o “número 1” torna-se absolutamente autoritário e afeta a bem execução do “número 2”. Propõe-se inclusive silenciar totalmente o “eu número 1”, na confiança que o “eu número 2” fará o melhor que puder, aprendendo com os erros e fracassos, sem julgamentos.

Casalotti (2016) destaca as referências utilizadas por Gallwey para embasar sua ideia, o que lhe gerou bastante curiosidade. Dentre elas, o autor aponta que é presente nos escritos de Gallwey a referência ao mestre budista “Daisetsu Teitaro Suzuki”, que entende que apesar do homem ser um animal pensante, suas maiores obras foram realizadas quando este não estava calculando, tão pouco pensando. Segundo essa premissa, percebe-se que quase existe uma abdicação da sistematização do pensamento em prol da plena realização da execução, o que pode ser exemplificado pela frase tão presente nas propagandas e mundo dos negócios: “*just do it*”⁴. Casalotti (2016) demonstra, assim, que nessas premissas de Gallwey há o retorno

⁴ Referência às aulas de Mariana Cortês, na disciplina Pensamento Político Liberal.

a uma “certa inocência infantil” (CASALOTTI, 2016, p.35), prezando o silêncio do controle e comando que vem da mente.

É pelo fato de o “eu número 1” estar incessantemente buscando aprovação e aperfeiçoamento que o *coach* deve sempre evitar emitir julgamentos, sejam eles positivos ou negativos. Pois os negativos inibem o “número 2” e os positivos também, pois o “eu número 1” sempre o verá como uma crítica em potencial. Nesse sentido, não se emite julgamentos sobre o desempenho, orienta-se de forma neutra.

Essa tese não permaneceu nos bancos dos jogos de tênis. Como demonstrou Casalotti (2016), ela despertou interesse de programas de TV, o que a tornou conhecida pelas massas, e disso seguiu-se uma série de publicações do autor a respeito do jogo interior em diferentes contextos, como golf, música, trabalho e outros. O *Inner Game* tornou-se conhecido desde o mundo dos esportes até o mundo dos negócios, escolas e afins. Casalotti (2016) compreende que essa proliferação construiu o berço para o *coaching* moderno, pois apesar de não poder se concluir que é sua única fonte, é evidente a recorrência de referência ao conceito de Gallwey nos treinamentos de *coaching*, o que aponta para um movimento da tese do mundo dos esportes para o mundo dos negócios.

Como exemplo dessa passagem da tese do *Inner Game* do esporte para os negócios, Casalotti (2016) apresenta John Whitmore, formado na escola de Gallwey. O pesquisador mostra que em 1992 Whitmore publicou sua obra “*Coaching for performance*” (1994). Com base nas premissas do “jogo interior”, a obra busca divulgar o *coach* internacionalmente, o que funcionou, pois em todo mundo houve uma série de traduções. Nesta, Whitmore, ao perceber a proliferação do tema, evitando a banalização do mesmo, busca estabelecer as premissas do *coaching* especificamente voltado para o mundo do trabalho. Para além dos dicionários, define o *coach* não somente como um treinamento, mas uma relação entre *coach* e *coachee*, no qual o primeiro estimula o segundo a obter os fatos sobre si mesmo. E aqui elucida-se a tese de Gallwey. Para Whitmore, seus achados são valiosos na medida em que torna a visão do ser humano mais humanista no mundo do trabalho, que foge à versão behaviorista, que entende os homens como um simples recipiente a ser preenchido. Nesse sentido, o papel do *coach* não é empregar conceitos e fórmulas de sucesso, mas encontrar dentro do próprio indivíduo seu potencial até que este chegue a sua performance, que é a etapa final do treinamento.

Obtendo uma escrita mais retórica que a de Gallwey, Whitmore propõe que o *coach* não torne o empresário dirigente só mais eficiente, mas que este transmita seus aprendizados

aos seus subordinados. Dessa forma, o dirigente torna-se um *coach* dos seus correspondentes. Como Gallwey apontou, Whitmore aponta que ao passo que o gerente atue como um *coach*, ele deve buscar formas de estimular seus subordinados, esforçando-se para ter uma relação de confiança sem pressão, a fim de que o “eu número 1” não seja ativado e iniba o “eu número 2”. Nessa visão, a autoridade é vista de forma negativa, por isso propõe-se que o subordinado tenha uma consciência da necessidade de sua tarefa, tal qual sua excelência, assumindo a responsabilidade sem que seja necessário ser comandado.

A proposta é, neste caso, estender a autonomia dos indivíduos no processo de trabalho. Para isso, o gerente precisa controlar não o “eu número 1” que é egoísta e opressor, mas o “eu número 2”, de modo que o trabalhador passe a executar suas atividades com fluidez sem que seja ordenado. A função do *gerente-coach* ou *líder-coach* é construir uma “cultura de gerenciamento” (CASALOTTI, 2016, p.41) em que haja produtividade e aperfeiçoamento dos recursos humanos. Essa eficiência seria alcançada ao passo que os executores do trabalho compreendam as ações no trabalho como suas próprias escolhas e não como uma responsabilidade imposta (Casalotti, 2016, p.41). Cabe aqui uma explicitação da proposta de Whitmore:

Aqui está outro exemplo da diferença entre o nível normal ou imposto de responsabilidade, e a responsabilidade elevada ou escolhida. Imagine um grupo de operários de construção sendo instruído: ‘Fred, vá pegar a escada. Tem uma no barracão’. O que Fred faz se não encontra nenhuma escada lá? Ele volta e diz: ‘Não tem escada nenhuma lá’. E se eu tivesse pedido: ‘Nós precisamos de uma escada. Tem uma no barracão. Quem pode ir buscá-la?’. Fred responde: ‘Eu vou’, mas quando ele chega lá não encontra nenhuma escada. O que ele fará dessa vez? Ele vai olhar em outro lugar – mas por quê? Porque ele se sente responsável. Ele quer ser bem sucedido. Ele vai achar uma escada para o seu próprio bem, em favor de sua auto-estima. O que eu fiz de diferente foi dar a ele uma escolha, à qual ele correspondeu. [...]. Esses simples exemplos ilustram claramente o quão importante é o poder de escolha para o ganho de performance que ocorre com total responsabilidade. Isso não acontece a menos que a pessoa se sinta responsável. Dizer a alguém para ser responsável por alguma coisa não o faz se sentir responsável por isso. Ele pode temer o fracasso, sentir-se culpado se realmente falhar, mas isso não é o mesmo que se sentir responsável (Whitmore *apud* Casalotti, 2016, p. 41).

Neste destaque, Casalotti destaca mais umas das heranças do “jogo interior” impressas no pensamento de Whitmore: o gerente ao perguntar, ao invés de mandar buscar a escada,

coloca-se em uma posição de neutralidade. O que na tese de Gallwey é colocada como a não emissão de juízos de valor. Whitmore coloca que se o chefe emitir uma ordem direta ele estará emitindo um juízo, seja positivo ou negativo, sobre seu subordinado; nesse sentido, cabe ao subordinado refletir sobre sua atitude, o que o torna responsável por suas atitudes independente das impressões exteriores. “Assim, a proposta de Whitmore preconiza a interiorização não só da responsabilidade, mas também da avaliação sobre o que foi feito” (Casalotti, 2016, p.42). Ressalta que em algum momento é fato que o dirigente irá avaliar o trabalhador, todavia, tem-se a premissa que a produtividade será mais eficaz se ele mesmo emitir juízos sobre si, corrigindo o que for necessário sem exortação externa.

Não obstante, Casalotti (2016) elucida que todo este caminho desemboca no interesse geral do mundo dos negócios: lucratividade. O autor levanta a questão sobre o que aconteceria se, em alguma situação, o subordinado entenda que está indo bem, mas o gerente não. Apesar da autoavaliação, o sociólogo explica que o livro não dá explicações a respeito, o que dá margem para se compreender, como aponta o sociólogo, que em última instância a avaliação é dos gerentes e empresas. Nesse caso, a atuação do indivíduo se analisa por sua produtividade, o que Whitmore nomeia como “performance”: se este não for lucrativo para a empresa, ele provavelmente não será mais necessário.

A partir de uma história ocorrida em uma empresa específica, Casalotti (2016) mostra os termos *coach* e *coaching* começaram a ser utilizados no vocabulário do gerenciamento empresarial. Uma empresa do ramo alimentício Johnsonville Sausage se viu diante do desafio de realizar mudanças administrativas no seu estilo de gerenciamento. A empresa havia se deparado com o desperdício de matéria-prima e tempo de produção. Para mudar esse quadro, a empresa resolveu transformar sua forma de gerenciamento. Resumidamente, Casalotti (2016) demonstra que essa mudança da empresa reflete a realidade das empresas da década de 1970, que passava por uma série de processos de reestruturação produtiva e precisava buscar novas formas de sobreviver diante de um mercado cada vez mais competitivo. Para isso, essa empresa reconfigurou a linguagem e passou a nomear chefes e empregados como coordenadores e membros, respectivamente. Estes últimos são agora treinados para tornarem-se responsáveis por suas ações na empresa de forma que a efetividade de sua produção recaia sobre seus braços.

Essa eficiência é medida pela “performance”, que é a capacidade de ir além, reconstruindo-se dentro do processo produtivo. A evolução produtiva é medida pelo desenvolvimento individual de cada trabalhador em sua capacidade de se reinventar e ir além

do que já é ofertado. O medidor da qualidade do trabalho é, portanto, o desenvolvimento pessoal. “A medida da performance é a eficiência da produtividade, individualmente recompensada pela repartição de uma parte dos lucros” (Casalotti, 2016, p. 45).

Não obstante, Casalotti (2016) faz uma ressalva que nos leva ao eixo do trabalho: apesar dessa relação entre performance e produtividade, Whitmore não a faz diretamente em seus escritos em nenhum momento, o que dá margem para operar essa performance para além do mundo do trabalho. Nesse sentido, torna-se possível pensar essa performance em várias situações da vida, e essa mobilidade conceitual aponta para os interesses do *coaching* no geral. Aponta-se que o *coaching* não limita suas propostas ao mundo do trabalho, pelo contrário, seus conceitos irão atravessar diversas áreas da vida privada, incluindo a religião, foco do presente trabalho.

Não foram encontrados muitos trabalhos acadêmicos de cunho sociológico traduzidos em português sobre a atuação do *Coaching* no contexto religioso. Por isso, foi realizada uma pequena pesquisa sobre como ele se direciona à área espiritual e como é presente nas Igrejas da contemporaneidade.

Primeiramente, há uma repulsa principalmente de Igrejas de tradições mais reformadas em incluir o *coaching* na prática religiosa, considerando a união entre cristianismo e *coaching* um grande erro teológico. Discussões no Youtube⁵ e escritos a respeito do tema⁶ dividem opiniões sobre o uso do *coaching* na Igreja, e essa discussão cresce na medida em que o *coaching* passa a ser usado como método de pastoreio e aprimoramento pessoal⁷. No Brasil, algumas imagens destacam-se neste debate: utilizando-se do *coaching* como meio de pregação, há Deive Leonardo⁸, Tiago Brunet⁹, Victor Azevedo¹⁰; em contrapartida, Yago Martins¹¹, Augustus Nicodemus¹², Pedro Pamplona opõem-se veemente a estes pastores.

⁵ <https://doisdedosedeteologia.com/teologia-do-coaching-a-substituta-da-teologia-da-prosperidade/> - Acesso em 26/11/20.

<https://www.youtube.com/watch?v=zILGW8sYUls>

<https://www.youtube.com/watch?v=qUMXC-eFgBI&t=225s>

<https://www.youtube.com/watch?v=MOvy-ZIRDmE>

⁶ <https://pamplonapedro.wordpress.com/author/pedropamplona/>

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=zILGW8sYUls>

<https://www.youtube.com/watch?v=LQPN0N5NrP4&t=401s>

⁸ Desde Agosto de 2019, o evento de Deive Leonardo vem conquistando o Brasil e o mundo. Seus eventos são direcionados ao público jovem e adolescente e foca no desenvolvimento espiritual para salvar a humanidade.

⁹ Tiago Brunet é também bastante popular na Internet, e é conhecido por seus cursos e palestras a respeito do sucesso profissional. É *coach* e pastor.

¹⁰ Victor Azevedo é um jovem de vinte e dois anos, e pastor da Igreja “Por amor”. Se tornou conhecido nos últimos anos por pregar para o público juvenil e focar na igualdade entre Deus e os homens.

¹¹ Pastor da Igreja Batista Maanaim

¹² Pastor protestante, escritor, teólogo, professor, conferencista brasileiro e vice-presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Conforme o Instituto Brasileiro de *Coaching*¹³ (IBC), o *coaching* é um processo de desenvolvimento humano utilizado por pessoas e empresas para alcançar objetivos a curto e médio prazo. Quando ela se direciona à área espiritual, o objetivo é promover o equilíbrio entre o “eu profissional, pessoal e espiritual” (EQUIPE IBC, 2019.), assim, busca-se estabilizar a missão de vida dos indivíduos, seus valores e crenças visando um bem-estar pleno. É uma busca por harmonia entre a prática e as capacidades pessoais e psicológicas.

Para os agentes promotores do *coaching*, essa modalidade, todavia, não é uma nova religião, mas uma ferramenta que potencializa os sentimentos positivos e promove a repulsa por sentimentos que paralisem o indivíduo, é a aplicação do “jogo interior” exposta no capítulo anterior. Conforme aborda o IBC, a diferença entre este *coaching* e a religião é que a última proporciona sensações e sentimentos que o *coaching* talvez não ofereça. Nesse sentido, não busca ser uma nova religião, mas é um aliado no processo de autoconhecimento do indivíduo, operando um equilíbrio entre a os *coach* e sua espiritualidade.

Não obstante, líderes que se destacam por seguir a mesma linha que o *coaching*, unem os objetivos do *coaching* com as necessidades religiosas. É nesse sentido que as pregações utilizam-se de premissas do *coaching* e para exemplificar podemos observar a abordagem dos pastores com a dos *coach*.

Uma das premissas do *coaching*, como aponta Casalotti (2016), é que o *coach* ao guiar o *coachee* não deve despertar o “eu número 1” em seu orientando, pois o “eu número 1” está incessantemente emitindo julgamentos de aprovação ou aperfeiçoamento e isso causa um bloqueamento no “eu número 2”. Nesse sentido, não deve-se emitir julgamentos sobre o desempenho, pois isso desperta o “eu número 1”, que é o responsável por emitir julgamentos negativos e positivos. Dessa forma, o *coach* deve orientar o *coachee* de forma neutra para que somente o “eu número 2” seja ativado, isto é, para que o indivíduo possa agir livre de julgamentos.

Esse mesmo mecanismo está presente nas pregações dos pastores citados que inseriram o *coaching* nas pregações. Ao contrário das pregações de cunho reformado que emitem julgamento claro sobre a condição dos homens diante de Deus, enfatizando o quanto o homem é pecador, as pregações que flertam com as premissas do *coaching* centram-se no incentivo apesar dos erros, obtendo uma abordagem mais branda. Um exemplo disso é o tema

¹³<https://www.ibccoaching.com.br/portal/coaching/coaching-espiritual-conheca-seu-conceito-e-seus-beneficios/#:~:text=Esta%20modalidade%20do%20Coaching%20diz,cliente%20encontre%20sua%20paz%20interior.> - Acesso em 26/11/20.

de uma das pregações do Victor Azevedo, nomeada: “Meus erros não param Jesus”¹⁴. Nesta, o jovem incentiva que os erros não impossibilitam os ouvintes a conseguirem seus objetivos, pois até mesmo os livros mais famosos da bíblia foram escrito por assassinos:

Deus escolheu que os erros dos escritores da bíblia aparecesse para nós para que eu e você entenda que os nossos erros não podem parar aquilo que Deus nos criou para ser. (AZEVEDO, Victor. 2019. Acesso em: 06/12/20)¹⁵

Não há acusação na pregação, mas a demonstração que figuras de sucesso também cometeram erros, por isso, os indivíduos não devem desistir de alcançar seus sonhos e objetivos por causa dos seus erros. No mesmo sentido, o mesmo pastor prega a mensagem “Deus ama você do jeito que você é”¹⁶. Nesta, trabalha-se com a promessa da salvação. Na tradição reformada uma das ideias centrais desse assunto é que por o homem ser pecador Deus está irado com ele, por isso não pode haver relação entre as partes nessa condição. Thiago Azevedo totalmente na contra-mão dessa noção aborda que na verdade, essa idéia é de alguém que quer compreender a Deus através dos erros dos homens, mas que na verdade, Deus ama a humanidade antes da fundação do mundo, porque desde o início há um perdão pelos pecados.

Jesus não quer condenar você, ele não vê defeito em você, ele te vê linda, lindo, com a pureza Dele. (AZEVEDO, Victor. 2020. Acesso em: 06/12/2020)

Assim, da mesma forma que o papel do *coach* não é empregar conceitos e fórmulas de sucesso, mas encontrar dentro do próprio indivíduo seu potencial até que este chegue a sua performance, esses pastores não partem do padrão de moralidade do cristianismo, eles busca apontar que cada indivíduo tem algo especial diante de Deus, sem emitir julgamentos sobre seus erros. O imperativo é o motivacional, o mesmo que no *coaching*.

Há um giro hermenêutico evidente. Como aponta Pedro Pamplona¹⁷, a tradição reformada tem como pressuposto a “teo referência”, compreendendo que é necessário conhecer a Deus para assim ter um conhecimento de si completo. No caso da teologia que

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=tz6oD5JOGuM>

¹⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=tz6oD5JOGuM>

¹⁶ https://www.youtube.com/watch?v=55lAPfk_gGA

¹⁷ Pastor da Igreja Batista Filadélfia em Fortaleza.

parte do *coaching*, essa referência é alterada para o ser humano, o indivíduo torna-se o meio de conhecimento.

Há uma alteração na forma de compreender a Deus e ao homem, e o *coaching espiritual* pode ser percebido no contexto religioso na medida em que há essa alteração.

No campo teológico, Pedro Pamplona aponta essa alteração como a “Teologia do Coaching”. Demonstrando-se avesso à teologia, o pastor explica que essa teologia pode ser percebida através de três fatores. O primeiro deles é o humanismo: fazendo do indivíduo o ponto de partida, utiliza-se de capacidades humanas como a força de vontade e tudo o que o indivíduo pode fazer através de sua fé pessoal como o meio de alcance de objetivos. Então, mesmo que haja um destaque espiritual, o foco está na realização pessoal, desde financeira à emocional.

O segundo ponto é o materialismo: há um enfoque na realidade física. Semelhante à Teologia da Prosperidade, que também visa a felicidade na terra, há um despertar para a realização plena na terra, nas felicidade que os indivíduos podem alcançar na terra. E o terceiro ponto que complementa o anterior, é o ceticismo: como o enfoque está no indivíduo e naquilo que ele pode realizar através do desenvolvimento de suas capacidades, a busca pela realidade sobrenatural se detém na intervenção divina para a realidade na terra, dessa forma, o anseio pelo futuro, presente nas religiões de salvação apontadas por Weber (2004) fica cada vez mais distantes.

Sendo assim, o *coaching espiritual* pode ser percebido em um contexto religioso na medida em que o discurso se apresenta voltado à aprimoração das capacidades com a forte ênfase no indivíduo, e isso comunica com o neoliberalismo na medida em que pode ser utilizado como ferramenta de valorização do capital.

Nesse sentido, trata-se de se interrogar se esse tipo de coaching se encontra presente na Igreja do Sal da Terra e, em que medida, pode-se estabelecer uma afinidade eletiva entre o pentecostalismo praticado nessa denominação e certos do neoliberalismo. No próximo capítulo será trabalhada essa questão.

CAPÍTULO II - A NOVA ASCESE NO MUNDO DA FLEXIBILIDADE

2.1. A Igreja Cristã Sal Terra na história do protestantismo

A história da religião cristã é marcada por uma série de distinções, desde estruturais à teológicas. Como aborda Ricardo Mariano (2005), o cristianismo divide-se fundamentalmente entre Catolicismo Romano, Ortodoxia Oriental e Protestantismo. Do protestantismo nasceu o pentecostalismo, movimento religioso composta no início majoritariamente por pessoas pobres e de escolaridade baixa, que se afastava dos pilares protestantes ao enfatizar o dom de línguas, crença na volta iminente de Cristo, e se organizava em torno de um radical sectarismo e ascetismo quanto ao mundo exterior.

Ricardo Mariano (2005) demonstra que a partir da chegada do pentecostalismo no Brasil, centenas de igrejas se formaram e uma série de mudanças ocorreram no interior delas, de modo que tal movimento torna-se cada vez mais complexa e heterogêneo. Essas mudanças são classificadas como as “três ondas do pentecostalismo”, que dividem-se entre: 1) pentecostalismo clássico, o momento de instauração da religião no Brasil com a Congregação Cristã no Brasil e (São Paulo, 1910) e Assembleia de Deus (Belém, 1911), obtendo como marca fundamental um forte anti-catolicismo, dom de línguas, crença na volta de Cristo iminente, sectarismo e ascetismo de rejeição ao mundo; 2) o segundo é o deuteropentecostalismo, marcado por um evangelismo de massa focado na cura divina, quando surgem as igrejas Brasil Para Cristo (São Paulo, 1955), Deus é amor (São Paulo, 1962), Casa da Bênção (Belo Horizonte, 1964), dentre outras menores; 3) a terceira onda, iniciada nos anos 1970 e fortificando-se durante as décadas de 1980 e 1990, é a corrente que apresentou uma série de novidades nas configurações doutrinárias, rituais e organizacionais, por isso é denominada neopentecostalismo.

O Ministério Sal da Terra é um exemplo dessa transição. Ao romper com uma Igreja de cunho reformado - a Igreja Presbiteriana de Uberlândia -, é estabelecida em 1990 com base em princípios reformados, mas com traços fortes de pentecostalismo. Esse ministério surge a partir do ajuntamento de um grupo de doze jovens amigos, de 15 a 18 anos, oriundos de denominações diferentes que atuavam na Igreja Presbiteriana. Em um primeiro momento, participaram de uma banda de música, posteriormente realizaram estudos bíblicos que conquistou uma resposta considerável do público, através de reuniões que contavam com um número grande de pessoas. O grupo reuniu tantas pessoas que o conselho da Presbiteriana os

convidou a abrir uma nova congregação presbiteriana; isso ocorreu, mas um tempo depois o grupo decide abrir um ministério, que é o que existe até os dias de hoje, o Ministério Sal da Terra.

2.2. A configuração estrutural e metodológica do Ministério Sal da Terra

Hoje, com 30 anos de história, o Ministério possui mais de 100 congregações em volta do país, a maioria reside em Uberlândia, e já atuou com evangelismo em quase todos os continentes do mundo, conforme registra em seu site¹⁸. Estruturalmente, o Ministério não se considera uma denominação, a proposta é apresentar uma orientação às igrejas, para que estas possam aplicá-las, de forma que consiga preparar os fiéis para viver todas as áreas de sua vida com base nos princípios e valores da comunidade. Nesse sentido, é uma federação de igrejas que se unem através da fé básica do cristianismo; revelação de Cristo no Antigo e Novo Testamento; crê-se na permanência dos dons espirituais; e têm-se muito forte o objetivo de unificação da consciência e identidade dos fiéis para que estes possam impactar todos os setores da sociedade com suas ações. Nas palavras da Igreja, busca-se:

Equipar a Igreja de forma que ela desenvolva uma consciência integral, incondicional, lúcida e convicta de sua identidade e propósito; e que ande de modo digno de sua vocação como sal da terra e luz do mundo para alcançar o alvo específico da multiplicação de filhos e filhas Dele, certos de que a nossa eficácia não está respaldada pela grandeza dos resultados, mas pela validade dos critérios e qualidade das relações e processos¹⁹.

A Igreja tem como premissa fundamental a combinação entre estabilidade e flexibilidade, buscando deixar bastante evidente seus princípios, mas dando abertura para formas de aplicá-los. É por esse motivo que haverá congregações dessa denominação que serão mais pentecostais, outras mais reformadas. Não obstante, apesar da abertura para diferenças eclesíásticas, alguns pontos são bastante estabelecidos na igreja. O primeiro é o governo: a direção da Igreja funciona por meio de um conselho, que é a junção de dois

¹⁸ Igreja Sal da Terra: <https://saldaterra.org.br/onde-estamos/> - acesso em: 27/11/20

¹⁹ Disponível em: <https://saldaterra.org.br/o-ministerio/principio-e-valores/>. Acesso em 24/11/2020.

presbíteros ou mais, a depender da congregação. A essência da Igreja é pautada em uma rede de relacionamentos, isto é, há um sistema de células e projetos fora do culto que promovam a proximidade e unidade eclesial. Essa é uma característica muito marcante neste ministério, de forma que a base das pregações e programações não são feitas pautadas no poder de satanás ou ameaças espirituais, mas na presença do Espírito Santo e seu poder de unir a Igreja. Como está no site da Igreja: “Uma igreja é forte pela consistência e qualidade de seus vínculos e compromissos, e não pela capacidade de exercer controle, governo e dominação”²⁰. São baseados nestes objetivos que essa Igreja estrutura seus cultos e suas programações. E a fim de análises precisas, o recorte da pesquisa voltou-se para a maior Igreja do Ministério, que é a Sal da Terra, situada na cidade de Uberlândia, na Avenida Marcos Freitas Costa. E, como há uma certa variedade estrutural nas Igrejas, as características apresentadas a seguir voltam-se somente a esta. A escolha dessa Igreja em específico se dá por nela serem bastante evidentes os objetivos que o Ministério traçou, talvez porque nela está um dos seus fundadores, o Pastor Olgálvaro Jr, que tem uma presença significativa na Igreja.

Nascida em 2001, essa Igreja oferece um recorte interessante de pesquisa pois ela não propaga a Teologia da Prosperidade, apesar de ter nascido em um momento de difusão do neopentecostalismo. Apesar disso, ela possui uma disposição empresarial singular. Ela se apresenta de maneira muito profissional desde a estrutura dos seus templos até sua apresentação em plataformas digitais. Há uma racionalização organizacional muito evidente em todas as áreas da Igreja e uma forma de se apresentar extremamente moderna e profissional.

A Igreja apresenta em seu site toda sua estrutura. Como informado nesta plataforma, eles possuem 11 cultos semanais presenciais, com 2 em São Paulo e 9 em Uberlândia. Um culto para jovens, nomeado como CONNECT e um culto em inglês e em libras transmitido ao vivo. Todos os cultos têm a duração de uma hora e quinze minutos, funcionando por meio de um modelo que replica o formato de séries, que objetivam apresentar a mensagem de forma mais dinâmica. Além disso, há sempre uma intervenção artística nesses momentos para ilustrar as mensagens, e um culto para as crianças, com a mesma mensagem destinada aos adultos, mas de forma mais lúdica.

Além dos cultos, a Igreja possui uma programação intensa que busca orientar os indivíduos em todas as áreas de suas vidas. Têm-se assim o “S. Grupos”, “S. Jovens e Connect”, “S. Casais”, “S. Mulheres”, “S. Homens” e “S. Mídia”. Conforme citado no site,

²⁰ Disponível em: <https://saldaterra.org.br/o-ministerio/principio-e-valores/>. Acesso em 24/11/2020.

esses grupos têm objetivos diferentes, variando entre momentos auxílio pastoral, orientação, e “um direcionamento profético para a vida da igreja em todas as áreas, instruindo os conteúdos para as séries, pequenos grupos e cursos de aperfeiçoamento pessoal (SÉRIES, Igreja Sal da Terra, 2020. acesso em: 25/11/20). Grande parte dessas programações são expostas nas plataformas digitais, os cultos transmitidos no Youtube, e os avisos sobre os cursos e outros momentos fora dos cultos são amplamente divulgados principalmente no Instagram.

A Pandemia do COVID-19 (que será melhor explicada no próximo tópico), ao recomendar a evitação do contato social, promoveu o uso das redes sociais como forma de propagação de mensagens de forma muito evidente e talvez nunca vistas. E de fato muitas igrejas utilizaram-se das plataformas digitais para manter o contato com os fiéis e oferecerem um respaldo espiritual e bíblico. Não obstante, a igreja Sal da Terra, muito antes da Pandemia eclodir, utiliza-se das redes sociais de forma muito presente. As transmissões ao vivo já ocorriam, bem como as interações e lives no Instagram, e as mensagens diárias na rádio da igreja também. E sua atuação nessas plataformas é bastante profissional, de modo que todas as programações são expostas de forma chamativa, organizada e profissional, fazendo das propostas eclesiais muito atrativas e funcionais. Nesse sentido, a passagem das atividades, de forma integral, para as plataformas digitais, durante a Pandemia, não foi algo estranho, pois essa interação já ocorria antes.

Uma das ideias principais apresentadas no site é: “somos grandes o suficiente para impactar a sociedade com os valores do reino e pequenos o necessário para atender o indivíduo e liberar nele todo o seu potencial”²¹. Essa ideia está implícita em cada atividade que a Igreja apresenta em suas plataformas digitais, há um evidente respaldo bíblico que fundamenta todas as mensagens, e por outro lado uma intensa aplicação destes princípios em forma de prática social, buscando promover nos indivíduos uma ação consciente.

Até aqui, essa ênfase na vida prática não relembra o sujeito neoliberal? Há presente nesta Igreja uma intensa capacidade de transformar conhecimentos práticos em ação. O Ministério como um todo tem como premissa a noção de habilitar os indivíduos a viverem de forma independente. Essa congregação em específico cumpre tais intenções com maestria, utilizando-se das premissas bíblicas para racionalizar todos os aspectos da vida dos indivíduos. É por esse motivo que na plataforma “S.Ensino”, os conhecimentos bíblicos são aplicados na vida prática das mulheres enquanto tais, enquanto mães, por exemplo. O que se nota de tais cursos é uma constante preocupação com uma vida prática, de modo que os

²¹ <https://saldaterra.org.br/o-ministerio/estrutura-funcional/>. Acesso em 27/11/20.

crentes não simplesmente participem das programações, mas estejam em constante aprimoração de suas capacidades.

Silvia Viana (2012) aponta que uma das maiores características da contemporaneidade, e que é evidenciada nos realities, é a preocupação com a realização da “melhor versão de si”, a procura incessante por estar na melhor forma. Todavia, essa preocupação não tem nada a ver, como apresentado no primeiro capítulo a partir das análises de Côtres (2020), com a fruição de experiências hedonistas de uma sociedade do consumo, mas sim porque a não maximização das capacidades em vistas de um melhor desempenho si pode significar a perda de empregabilidade, por isso o capital humano precisa estar em constante movimento de aperfeiçoamento. As atividades da Sal da Terra parecem ter sido transpassadas por essa lógica quando estes direcionam seus esforços ao aperfeiçoamento do indivíduo enquanto pai, mãe, mulher, homem, amigo, irmão.

É fato que esse tipo de racionalização não é uma novidade para as análises sociológicas da religião. Na década de 90, nascia uma denominação que racionaliza a vida do fiel como um todo. O tão comentado neopentecostalismo realizou essa tarefa ao colocar a fé como meio de obtenção de prosperidade material e espiritual.

Como demonstra Ricardo Mariano (2005) a ideia principal do neopentecostalismo é que “as palavras proferidas com fé encerram o poder de criar realidades, visto que o mundo espiritual, que determina o que acontece no mundo material, é regido pela palavra. (MARIANO, Ricardo. 2005, p. 153). Nesse sentido, o indivíduo tinha que usar de sua crença para obter o que deseja, usar sua fé para alcançar fins práticos. Todavia, como demonstram as análises sociológicas sobre o assunto, crer não era o suficiente, como trabalha um dos maiores precursores dessa denominação:

(...) Os negócios aqui na terra são administrados pelo homem. Se for inteligente, astuto e souber aproveitar as oportunidades, estes dons, aliados à bênção divina, farão dele uma pessoa tremendamente próspera (R.R Soares *apud* MARIANO, 2005, pág. 162).

Nesse sentido, para adquirir o que deseja, o fiel neopentecostal precisava se empenhar sobremaneira por meio de ofertas altas e horas em oração para obter o que deseja. Caso não alcançasse a prosperidade, a responsabilidade era sua, uma vez que para essa denominação, os cristãos, a partir da morte de Cristo, receberam o mesmo poder que Este: trazer coisas à

existência por meio da palavra, ou melhor, do decreto em alto e bom som. Sendo assim, eles já receberam todos os meios para alcançar a riqueza, se não conseguiram é porque foram ineficientes no processo, pois todas as suas dívidas foram pagas com a morte de Cristo e satanás derrotado, desse modo está liberado o alcance de bênçãos na terra, se o fiel não alcança é porque foi ineficiente em se apropriar disso. O fracasso está em suas mãos.

Estudiosos perceberam que essa responsabilização do indivíduo no neopentecostalismo tem ressonância no sujeito neoliberal que também tem entregue em suas mãos a chave do seu sucesso. Além disso, o motivo de ineficiência em alcançar o sucesso é o mesmo: ao fiel faltou mais sacrifícios em forma de oferta, ao trabalhador mais sacrifícios de potencialização do seu capital humano em prol de sua melhor preparação para o mercado. Em ambos, faltou investimento.

O sujeito neopentecostal encontra seu berço nas exigências neoliberais, pois enquanto a sociedade neoliberal requer o sacrifício de si mesmo em prol de sua manutenção e avanço no mercado, o fiel já o está fazendo em prol de sua prosperidade. Nesse sentido, a Teologia da Prosperidade encontra respaldo na sociedade da flexibilidade. Porém, a Sal da Terra não prega a Teologia da Prosperidade, ela nem mesmo assemelha-se ao neopentecostalismo em questões doutrinárias, todavia, esse mesmo mecanismo parece estar presente.

Como expõe a Igreja no site, ela busca “atender o indivíduo e liberar nele todo o seu potencial.” Para isso, toda a Igreja é organizada a fim de oferecer caminhos para que seus fiéis sejam bem sucedidos, oferecendo cursos desde temas teológicos, até financeiros. Há uma preocupação com a forma com que o fiel leva sua vida, e é em volta dessa preocupação e dos objetivos apresentados que a Igreja organiza os temas das séries expostas nos cultos e seus cursos. O curioso é que na execução dessas tarefas parece estar muito presente a linguagem do *coaching*, e se isso se confirmar os traços neoliberais na Sal da Terra ficarão bem mais evidentes. A seguir, será trabalhado de forma mais minuciosa algumas das séries e cursos trabalhados pela Igreja.

2. Traços da nova ascese na linguagem das séries e programações da Sal da Terra

Os cultos na Sal da Terra são feitos sempre em torno de uma temática, por isso são chamados de “séries”. Dessa forma, durante três semanas, os louvores, as intervenções artísticas, a decoração e as pregações são voltados para um determinado tema. Os temas por vezes utilizam-se de referências externas ou de temas bíblicos. A fim de uma análise mais

condensada, foram destacadas três das séries, sendo: *The Walking Dead: Viver é mais que estar vivo* (2019), *The Kingdom is Coming* (2019), e *The Voice Profetas e Profecias* (2019).

Durante o domingo, essas séries são trabalhadas seis vezes ao dia em horários diferentes, dado que a Igreja oferece seis cultos ao longo do dia. O que se percebe à primeira vista é que em todos esses horários, e mesmo que seja pregadores diferentes, o tema e os pontos trabalhados nas mensagens são as mesmas, tal qual os louvores, cenários e intervenções artísticas. Nesse sentido, todos os fiéis, independente do horário que vão ao culto, recebem as mesmas orientações. Há assim, uma organização bastante metódica a fim de que haja um alinhamento da mensagem, que ninguém fique de fora do que outrem recebeu em outros momentos do dia.

Todas as pregações dessas séries podem ser encontradas no canal no Youtube da Igreja, e a primeira observada aqui é a *The Walking Dead: Viver é mais que estar vivo* (2019). É curioso como a Igreja trabalha com temas seculares para falar de realidades espirituais, é um abandono completo da rejeição ao mundo que o pentecostalismo clássico possuía, temas seculares estão agora no centro da pregação e utilizados como lição para a vida.

Como exposto nas pregações, a série original intitulada *The Walking Dead*, veiculada pelo canal de streaming Netflix, é uma produção artística que aborda um experimento científico que leva a pulverização de uma mutação genética que coloca em risco a raça humana, pois a partir deste experimento seres humanos passam a perder a consciência transformando-se em zumbis que se alimentam de sangue humano e animal. Na série é trabalhado como os seres humanos sobrevivem a este caos lutando para não serem mordidos por zumbis, pois isso levaria a sua morte cerebral, portanto, é uma luta pela vida. Na adaptação feita pela Igreja, é abordado como a vida humana sem reflexão assemelha-se a vida de um zumbi, há o paralelo entre viver e existir.

Conforme a Igreja, existir é a existência por si só, em que há a preocupação com condições naturais que o animal se preocupa, mas sem considerar o que lhe torna humano, o pensamento. A Igreja trabalha essa condição no sentido espiritual, abordando que isso se dá pelo afastamento de Deus, e isso mostra que o fator transcendente segue presente, pois é reconhecido que para fugir a este estado é preciso reconhecer as limitações humanas a fim de que o Deus ilimitado possa fazer-lhes cumprir o que sozinhos não conseguem. Isso demonstra também que o desencantamento do mundo presente na Igreja não foi levada às últimas consequências, mantêm-se na primeira fase a qual Weber trabalhou. A magia é retirada como

forma de intervenção divina, mas se reconhece uma realidade transcendente acima dos homens capaz de oferecer um sentido ontológico-metafísico para o mundo.

Fazendo uma reflexão sobre a vida na atualidade, a pregação trata que ao se olhar para a humanidade é preciso perceber suas dores e pelo que ela está clamando, e essas produções cineastas como o *The Walking Dead*²² talvez estejam buscando traduzir a angústia diante de uma sociedade cada vez mais bestializada. Nessa sociedade, os seres humanos portam-se como zumbis que realizam diversas tarefas mas não têm vida, e há um clamor incessante por cura a fim de que a humanidade seja liberta das amarras da inconsciência. A fuga à essa condição é nomeada como “a vida que venceu a morte”. Nesta reflexão, com base em um versículo do Antigo Testamento que relata a ressurreição de um “vale de ossos secos”²³, aponta-se que é preciso de fé e coragem para que a respiração volte. Isto é, é preciso refletir sobre a existência para que esta ocorra de forma ativa e “viva”, assim, os indivíduos irão agir da forma que Deus os comandou viver, como “vivos”. Essas reflexões à primeira vista parecem mais uma mensagem evangélica de fuga de uma vida espiritual arruinada. Porém, analisando o discurso por detrás das palavras e em relação à estrutura da Igreja percebe-se uma angústia da vida reduzida à simples existência.

A diferença entre uma vida como sobrevivência e uma vida qualificada foi trabalhada na disciplina Pensamento Político Liberal, administrada pela professora Mariana Cortês em 2019 na Universidade Federal de Uberlândia, e também em seu texto “A nova ascese da sociedade contemporânea” (2020). A partir da obra de Giorgio Agamben, Côttes (2020) elucida que o autor explica que os gregos têm dois termos para o termo vida: *zoé* e *bios*. A primeira é a vida natural, sendo os processos morfológicos e fisiológicos que constituem as espécies animais; e *bios* é a vida politicamente qualificada, sendo adquirida somente pelo exercício da palavra no espaço público, de modo que o que constitui os humanos não é simplesmente viver, mas viver de forma politicamente qualificada.

Essa ideia está em Aristóteles: ele entende que os homens são portadores de um atributo que é a *phoné*, sendo a voz. E para eles, *phoné* é a capacidade de distinguir prazer e dor. Ou seja, os homens e animais são capazes de distinguir o prazer da dor. E não é isso que nos distingue dos animais, mas sim a capacidade de possuir o *logos*, sendo a capacidade de discernimento, a capacidade de distinguir o belo do feio, o justo do injusto, o verdadeiro do

²² <https://www.youtube.com/watch?v=wYqOLP1DO-I&list=PLGWSuO3aB5VTzkZOjczjHq6DXinRRBjj> (Acesso em: 26/11/20)

²³ Passagem descrita em Ezequiel, que foi um profeta usado por Deus para fazer ressuscitar um vale onde todos estavam mortos.

falso. Côtès (2020) demonstra, a partir das análises de Manent, que o pensamento liberal modifica essa relação entre vida biológica e vida política. Em sua análise sobre John Locke, Manent mostra que para o filósofo, no estado de natureza, o indivíduo está isolado, afastado de seus pares em prol da defesa de si mesmo, luta-se pela sobrevivência. Neste ínterim, o Estado deve ser instaurado a fim de garantir o que lhes é natural: a vida. Para Manent (1997), o equívoco do liberalismo clássico é assentar o que se tem de menos emancipatório (a sobrevivência) na esfera mais emancipatória (o Estado). Nesse sentido, a vida garantida é sempre a zoé, havendo uma ruptura total com a bios na medida em que a política é pautada agora na vida biológica.

Manent (1997) entende que o liberalismo simplifica o debate filosófico feito pela teologia cristã e a filosofia grega e reduz a existência humana a um fator biológico, de modo que o imperante se tornou simplesmente a relação entre minimizar a dor e maximizar o prazer, fazendo uma animalização do homem. Cortês (2020) demonstra, a partir da teoria de Manent, que isso gera uma indeterminação do homem, pois só se sabe que ele possui o direito à vida, mas sua substância não é determinada, e se não se tem isso definido o homem está livre para ser o que quiser. A liberdade está assentada portanto em uma indeterminação. Essa liberdade irá gerar uma angústia no homem, e a Sal da Terra parece a ter percebido não só em seus membros, mas na humanidade. Percebe-se a existência de uma vida reduzida às faculdades biológicas, sem raciocínio das práticas.

Não obstante, a Igreja não só percebe essa angústia como escancara que as dificuldades e desafios estão iminentes na realidade. É com base nisso que um dos cultos foi realizado com base em *Game Of Thrones (GOT)*²⁴, que é uma série norte-americana que recebeu várias premiações desde a primeira temporada. O Pastor abre essa temática apontando que talvez soe estranho uma Igreja trabalhando com uma série que contém tanta violência em todos os sentidos, todavia, a explicação é que a bíblia é recheada dessas histórias, tal qual a realidade. Nas palavras dele: “Quando olhamos para aquele episódio ou outro nós nos deparamos com a realidade da vida” (Olgálvaro Jr, 2019). Na primeira série, percebe-se a angústia da vida sem consciência, nesta, assume-se os riscos e problemas da realidade, mas trabalha-se que este caos não pode paralisar o indivíduo.

Se algum cinegrafista decidisse escrever a história bíblica dos reis de Israel, com certeza ela seria 18 anos. Pois, no reino que começa em Saul e chegando a Salomão

²⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=R1qGNpy0uaU> - Acesso em: 26/11/20.

(que são os reinos que vamos tratar) e chegando até Jesus, o Rei dos Reis, temos de tudo: temos massacre de toda uma população, sexo, traições, adultérios, temos irmãos que violentam irmãs, nós temos todo tipo de mazela que a humanidade apresenta. É interessante que o livro de Deus não se isenta de mostrar às dificuldades e limitações de seus principais personagens, como o Rei Davi, que foi o Rei segundo o coração de Deus, mas que mostrou de forma explícita sua humanidade, seu pecado, seus erros, e que Deus não suprimiu isso das escrituras sagradas. Trata-se de uma jornada da nossa própria vida (JÚNIOR, Olgálvaro, 2019, Acesso em: 26/11/20).

A série GOT relata os conflitos e alianças entre famílias nobres em torno do Trono de Ferro e os sete reinos. Estes sete reinos são adaptados à história de alguns reis e líderes proféticos da bíblia, e algumas lições são tiradas das experiências destes reinos. A primeira, com base na história do Rei Saul, trata das fraquezas humanas, exemplificadas pelos erros cometidos pelo Rei, e seu reinado caiu por este afastar-se de Deus, caindo em suas debilidades. No segundo, trata-se do Rei Davi, que, mais fraco que Saul, é o exemplo do vitorioso que tinha uma vida improvável. Neste caso, o Rei alinhou seus sentidos de utilidade aos preceitos divinos, realizando sua tarefa com excelência. Além da excelência, houve a coragem, que Olgálvaro demonstra que não era uma atitude exterior, mas que o Rei possuía esse atributo em sua vida privada e por já a ter executado, ele conseguiu vencer os desafios que Saul não conseguiu. Essa coragem permitiu Davi não ser paralisado pelos seus medos, inimigos e desafios. Nesse sentido, percebe-se que a realidade completa de violência e perigos não serviu de desencorajamento, mas encorajamento para levarem os fiéis a executarem suas tarefas com excelência. Além disso, aborda-se que Davi foi chamado segundo o coração de Deus porque reconheceu seus erros ao invés de transferir sua culpa.

As lições retiradas dos reinados foram, portanto: coragem, reconhecimento do fracasso e excelência na execução das tarefas, reconhecimento dos riscos sem deixar que ele os paralise. Na série com o tema *The Voice: Profetas e Profecias* (2019), apesar de temática diferente, os mesmos princípios podem ser encontrados: a perseverança, independente das vozes contrárias da realidade; a necessidade de coragem, ousadia e obediência; a responsabilidade individual para executar as atividades com excelência, tanto na área privada, como nas ações da Igreja. A leitura do capítulo anterior ressoa aos ouvidos do leitor quando os mesmos termos um capítulo atrás já estavam sendo enunciados em relação ao sujeito neoliberal.

O primeiro ponto de conexão é a questão da racionalização da vida a partir da série “The Walking Dead”. Percebendo a angústia da vida reduzida às capacidades biológicas, o Pastor contrapõe a simples existência com uma vida pensada, em que a forma de pensar determina a forma de agir. A partir da discussão sobre se na contemporaneidade há o fim da ascese apontada por Weber (2004) diante da flexibilização no trabalho e todas as desregulamentações oferecidas pelo neoliberalismo, Mariana Cortês (2020) demonstra que surge na verdade uma disciplina ainda mais rígida, pois juntamente com essa flexibilização instala-se uma avaliação do desempenho individual que minou a análise das capacidades de execução de determinado ofício.

O indivíduo que não atenta-se a essa nova configuração e não busque ir além do cumprimento das funções mecânicas do trabalho perde empregabilidade, pois o mercado requer algo mais que a simples execução das funções, procura-se sujeitos pró-ativos, inteligentes, atentos, que saibam superar desafios e etc. O sujeito que não preocupa-se com essas questões, isto é, não racionaliza sobre sua existência, buscando apresentar-se uma melhor versão de si, não consegue ser admitido nessa sociedade, e parece ser isso que a série The Walking Dead percebe. O sujeito “zumbi” não cabe na contemporaneidade porque neles não há a preocupação com a elaboração de si, ele se satisfaz com uma simples vida. Ele não tem nada de especial, nada que chame a atenção dos seus empregadores, porque é um sujeito comum. E a contemporaneidade requer algo mais que isso, espera-se sujeitos extraordinários que ultrapassem a margem do comum, e o sujeito que não está inserido nessa questão não é escolhido nessa sociedade.

Portanto, parece haver uma denúncia à acomodação, e essa percepção talvez ocorra quando os líderes da Sal da Terra percebem que as pessoas que se encontram acomodadas não tem sucesso, e este é o cenário do mundo da eliminação, o cenário da contemporaneidade. Como pode ser percebido em Viana (2012), superar-se cada dia mais para alcançar novas habilidades tornou-se a regra, de forma que não o fazer é optar por ser desvalorizado. É a regra do movimento, talvez o oposto de “simples existência” trabalhado na série possa ser contraposto como o “movimento”. Estar movimentando, isto é, investindo nas habilidades é a garantia de que não se está vivendo uma vida esvaziada de reflexões.

Esse movimento, contudo, como foi trabalhado no primeiro capítulo, não é sem objetivo, e esse é o motivo de Cortês (2020) apontar para a emergência de uma nova ascese na contemporaneidade. Na contemporaneidade, os esforços visam a valorização das capacidades humanas para que o indivíduo se mantenha interessante ao mercado, e como trabalhado no

primeiro capítulo, essa valorização pauta-se naquilo que é intrínseco aos homens: ele mesmo. Os trabalhadores estão por fim com as rédeas dos meios de produção, uma vez que estão incluídos neles suas capacidades e habilidades físicas e psicológicas, e o indivíduo que não assume o controle desses meios perde capital, que nesse caso é humano.

No caso da Igreja Sal da Terra não parece haver somente uma preocupação com uma vida acomodada, a Igreja busca por meio dessas séries e programações oferecer meios para que os indivíduos possam trabalhar cada aspecto de suas vidas, e este fator, apesar de provavelmente não ter sido elaborado para que o neoliberalismo seja infundado nos fiéis, prepara ou relaciona-se com o novo sujeito que o neoliberalismo requer. No próximo tópico essa ligação pode ficar mais evidente, apesar de se realizar em um contexto inusitado. Será por fim observado como foi a conduta da Igreja diante da alta contaminação do vírus COVID-19 e do mais de milhão de mortes causadas pela doença em volta do mundo.

3. “O mundo parou, mas precisamos continuar”

O coronavírus é uma família de vírus responsável por causar uma série de infecções respiratórias, e o COVID-19, um vírus dentre essa família, foi relatado no fim de dezembro de 2019 após diversos casos registrados na China. Após a proliferação deste vírus para outros países e causar um caos na saúde mundial, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de Emergência de Saúde Pública Mundial. Declarado emergência, diversos países promulgaram o fechamento das fronteiras de áreas, comércios, estabelecimentos e Igreja, e o Brasil por determinado momento fez o mesmo. Há relatos mais aprofundados a respeito da Pandemia, todavia, o foco deste trabalho volta-se à resposta da Sal da Terra diante deste ocorrido, por isso tão breve relato.

Decretado Estado de Emergência no Brasil, foi decretado o fechamento de todos os templos, e a Sal da Terra acatou o decreto, diferente da Universal do Reino de Deus que foi relutante quanto ao fechamento. A Igreja inclusive foi entrevistada pela Rede Integração de Uberlândia²⁵ para relatar a experiência do isolamento social e transferência online de todos os cultos e programações da Igreja.

O que é interessante observar é que a Igreja já tinha uma presença muito forte nas plataformas digitais, e neste contexto ela não somente as utilizou como meio de contato com

²⁵ https://www.youtube.com/watch?v=P8x11m_NSpE&t=1633s. - Acesso em: 26/11/20.

os fiéis, mas as intensificou ao máximo. Nesse sentido, a indeterminação gerada pela pandemia sobre como ficaria as projeções da Igreja e vida privada dos seus participantes levaram à intensificação de suas programações. Desde o início da pandemia, a Igreja programou 18 lives por dia, desde às seis horas da manhã até à meia-noite em todas as áreas da vida: casais, música, notícias e etc. Desta forma, de hora em hora há uma programação destinada a algum grupo de pessoas, abordando-se cada aspecto da vida, e as orientações realizadas demonstram a racionalidade anunciada anteriormente. Esse ponto parece conectar-se diretamente com a experiência dos calvinistas: estes, elaboraram uma doutrina que retirou todas as possibilidades de acesso dos homens a Deus por meio de magia ou qualquer outra coisa. Além de ser inacessível, também, conforme Weber (2004) elucida, sua vontade não pode ser conhecida, portanto, ninguém sabe quem ele deseja salvar.

Foi trabalhado que ao invés desses fiéis entrarem em desespero diante desse contexto de indeterminação e do medo eminente de ir para o inferno, eles se engajaram como nunca, para perceberem em suas ações rastros da graça de Deus. O caso da Sal da Terra tem um contexto totalmente diferente, todavia, um fator os liga: a indeterminação gerou engajamento nos dois casos e da incerteza surge uma ascese muito expressiva e evidente. A programação da Igreja foi dobrada, e a cada hora havia alguém trabalhando nas lives como a rotina poderia ser reprogramada a fim de que a quarentena não levasse os indivíduos a perderem tempo, ou em outras palavras, para que seu capital não perca valor.

O tema das lives se volta para a reprogramação da rotina e o que se pode aproveitar no tempo de ociosidade, além do esforço em passar tranquilidade aos fiéis frente a este momento. Diferente da Igreja Universal do Reino de Deus que entende este momento como uma fase apocalíptica prometida no Novo Testamento ²⁶, não foi percebido no discurso da Igreja essa aclamação, pelo contrário, o primeiro culto é aberto com o tema “Lugar de Refúgio”, demonstrando que o socorro não está em um lugar, mas é uma pessoa: Cristo. Esse é um ponto crucial na Sal da Terra: Jesus está sempre presente em suas pregações. Desde as séries baseadas em TWD, GOT. Sempre há o imperativo que o indivíduo não tem capacidade sozinho de realizar algum feito e que a raiz do problema do homem é a inimizade entre Deus e os homens por causa dos seus pecados. Caberia aqui um aprofundamento teológico para compreender até que a teologia do Sal da Terra concede espaço à Teologia do *Coaching*. Porém, o que temos até aqui nos serve para observar a atuação da linguagem neoliberal em conexão com a linguagem do *coaching* presente na Sal da Terra. Vejamos alguns sinais.

²⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=E935sAe1Soo>

A Igreja tem um quadro no Youtube nomeado “Trocando Ideias”, e um dos temas trabalhou as questões presentes no livro do Pastor Olgálvaro Jr., e nele há traços da linguagem do *coaching*, dentre eles, destacamos dois: 1) o uso da racionalidade científica para explicar o comportamento humano: “Nosso cérebro é programado para agir de determinada forma, e como ele gosta de economizar energia, ele vai traduzindo práticas que não sejam mais preciso processar” (JUNIOR, Olgálvaro, 2019); 2) uma orientação para a conquista do sucesso a partir do exercício das chamadas “seis chaves do sucesso”; em cada uma dessas chaves o Pastor trabalha como os indivíduos podem trabalhar algumas de suas práticas para alcançarem o sucesso. Essa é uma linguagem explícita no *coaching* que tem como projeção o alcance do sucesso por meio do desenvolvimento pessoal.

Algumas das chaves são: alvos claros, disciplina espiritual, reprogramação do tempo para realizar uma capacitação profissional e espiritual, utilizar a bíblia como base para traçar os objetivos, não deixar se sucumbir pelo medo, utilizar o momento de dor para superação. Essa linguagem assemelha-se às posições do *coaching* pois busca aprimorar capacidades pessoais para alcançar sucesso.

Algumas outras palestras, voltadas para áreas mais específicas discorrem com base nos mesmos princípios: em uma live voltada aos pais²⁷ têm-se o tema: “Descomplicando a rotina: planejamento, produtividade e gestão do tempo: relato de uma mãe tratando de estudar e cuidar dos filhos”. Nessa live, participam duas mães falando sobre como gerir o tempo de forma racional para que estas consigam executar todas as suas tarefas como mães, mulheres e estudantes com excelência. No relato de uma delas é dito “Eu tive que programar a minha vida para dar conta das coisas que eu mesma me comprometi”. Assumindo como sua responsabilidade o sucesso ou fracasso de suas tarefas, a mãe estabelece uma rotina fixa com planejamento de seus horários e dos filhos com a alegação: “todos nós temos 24hrs por dia, não importa se você é rico, pobre, alto ou baixo, é 24hrs que nós temos e isso é inegociável.” Tal qual no reality, quando todos os jogadores são lançados a postos para executar as tarefas com igualdade, ou no mercado de trabalho onde todos têm possibilidade de ascensão e o que a define é o mérito, essa mãe racionaliza suas atividades. Está incutido em suas orientações a noção que o tempo é escasso, e é preciso valer-se dele para executar todas as tarefas com maestria.

²⁷<https://www.youtube.com/watch?v=vtCC3PFYYUM&list=PLGWSuO3aB5VRyMhjAPm1Mhv-fDe6HfiA0>. Acesso em: 26/11/20

Aqui, está presente a ideia de que todos são lançados em situação de igualdade e devem executar com excelência o que lhes foi proposto, se não conseguiram é porque não aproveitaram bem o tempo, não utilizaram as oportunidades. Todavia, o que está velado, e este é um fator considerável do neoliberalismo, é que estão envolvidas neste contexto toda uma questão social que no fim das contas, altera o resultado. Não há relação de igualdade entre essa mãe que tem possibilidades de ficar em casa e a mãe que precisa trabalhar, educar os filhos e cuidar da casa, são condições diferentes, todavia, essa mãe parece ter incutido em mente a noção que precisa realizar com excelência sua tarefa apesar das dificuldades pois essa é a realidade de todos.

Voltando-se a quarentena, essas mães apresentam caminhos de como não deixar que este momento caia na ociosidade, mas que seja um momento onde suas capacidades possam ser desenvolvidas, o contrário disso facilmente pode ser considerado como estagnação, falta de empenho em tornar-se ótimo, ou nas palavras de Olgálvaro Jr. “o bom às vezes é a porta fechada para o ótimo”. As pessoas que não procuram o aprimoramento de suas funções são designadas como “pessoas mediocres talentosas”, que são acomodadas naquilo que já sabem fazer, contentando-se com o bom.

Um dos chamados “devocionais”²⁸ realizados toda a manhã trabalham com a disciplina em se fazer devocionais, que é o momento de devoção a Deus e reflexão da Bíblia. Aqui, aborda-se que: “Todos nós temos tarefas a serem realizadas, e Deus tem conhecimento de tudo isso, que todos tem várias coisas pra fazer. Ele deu o mesmo tempo, mas ele já nos deu condições para que possamos fazer tudo o que Ele ordenou”. Para que o indivíduo seja bem sucedido em todas as outras áreas precisa ter disciplina nos devocionais. No mesmo sentido, o devocional do “Dia da Mentira” condena a noção de que “o mundo é dos mais fortes”, abordando que essa é uma ideia darwinista que acreditava que existiam raças superiores a outras, e que isso gerou problemas graves na sociedade. No lugar disso, entende-se que os mansos herdarão o reino dos céus, todavia, essa mansidão não é definida como “folgado”, mas como aquele que se submete a Deus, que não se considera extraordinário, mas que faz o necessário. Forte é, portanto, aquele que reconhece sua fragilidade e mesmo assim consegue ultrapassar a catástrofe.

Têm-se assim, o desfecho das perguntas iniciais. Desde o início, o trabalho investiga se há uma ascese no mundo contemporâneo tal qual a que Weber (2004) percebeu na

²⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=7Zhir9gDI94> - Acesso em 26/11/20.

modernidade, e se essa ascese também estaria presente na religião, tal qual esteve com os calvinistas. Os puritanos para perceberem rastros de salvação em suas ações, racionalizaram cada aspecto de sua vida a fim de não perderem tempo com nada mais que glorificar a Deus. Isso gerou uma rígida disciplina em todos os sentidos de suas vidas para que em nenhuma parcela de suas vidas houvesse perda de tempo com coisas “dessa vida”. Essa disciplina não está presente na Sal da Terra, não há a expressão de um padrão de conduta para que o indivíduos cumpram, tão pouco há uma repulsa ao gozo.

Todavia, no lugar dessas regras de conduta nasce a regra da não acomodação. Há uma forte chamada na Igreja, tal qual no mundo do trabalho e nos realities estudados por Silvia Viana, à capacitação, a não se acomodar com o comum. Como aponta Olgálvaro Jr. . “o bom às vezes é a porta fechada para o ótimo”. E, como percebe-se com as palavras das mães nas lives de quarentena, a chave para essa capacitação está nas mãos dos indivíduos, seu sucesso depende de si mesmo, a responsabilização pelo seu sucesso ou fracasso está em suas mãos. E este é o retrato da sociedade neoliberal, apesar das diferenças de posições, entraves e limitações humanas, os indivíduos são lançados em uma situação de concorrência em que todos devem superar a si mesmos para conseguirem corresponder aos padrões exigidos no trabalho, sociedade e afins.

É nesse contexto que o *coaching* entra como um instrumento funcional e nessa pesquisa não se conseguiu provar que ele está explicitamente presente na Sal da Terra, mas que há rastros de sua presença nos mecanismos utilizados para o alcance do sucesso individual. O *coaching* aparece como um apoio de fazer o indivíduo alcançar o sucesso, oferecendo meios para isso, e a Sal da Terra faz isso também. A Igreja oferece uma gama de programações e cursos para oferecer caminhos para que o indivíduo se realize enquanto cristão, pai, amigo e etc. Fica perceptível, portanto, que o sujeito neoliberal encontra na Sal da Terra os meios para executar seu sucesso, é oferecido um acompanhamento desde financeiro à família aos fiéis, e na Pandemia isso se intensificou ainda mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo parou e com certeza deixará rastros que serão difíceis de serem esquecidos. A experiência do isolamento foi uma novidade experimentada coletivamente que será difícil de relatar às gerações posteriores. Experimentar a ansiedade quanto ao amanhã isoladamente é uma tarefa difícil de executar, e a religião, como têm sido aos milhares de anos, foi um dos

meios que o indivíduo encontrou de refúgio para os anseios da alma. Apesar disso, a experiência da Igreja Sal da Terra não parece ter servido simplesmente como um refúgio para a alma, ela ofereceu uma prática de vida, orientando pais, filhos, mães, avós e outros a agirem sob novas circunstâncias. Empenhou-se quase vinte e quatro horas por dia, dobrando sua programação que antes mesmo já era intensa para atender as demandas provindas dessa crise.

O medo estava iminente, mas a Igreja iniciou o primeiro culto online com a série “Lugar de Refúgio”²⁹, com louvores e palavras de consolo. Isso talvez explique a naturalidade (não é no sentido de insensibilidade, mas de aceitação dos riscos como parte indissociável da realidade) em elaborar mesmo antes da pandemia toda uma trama litúrgica em torno de temas como fim do mundo (TWD) ou violência extrema (GOT). Há uma aceitação dos riscos naturalmente, e isso refletiu na reação da Igreja quando o mundo parou com uma das maiores Pandemias já enfrentadas pelo mundo.

A reação da Igreja desde o primeiro momento foi oferecer auxílio aos que estão em dificuldades devido a paralisação das coisas, e caminhos para que o indivíduo não estagne, não pare de agir. O fiel que conseguiu acompanhar essa assistência online com certeza não teve muito tempo para se sentir perdido, rapidamente os esforços foram direcionados e os objetivos adequados para assim continuarem em movimento. A pandemia não atrasou a valorização do capital dos fiéis da Sal da Terra.

Não se tem como definir se o *coaching* está de fato presente no Sal da terra, pois a base teológica não parece ter sido como dito anteriormente. Jesus ainda parece estar presente no centro das pregações e explicações, todavia, é inevitável negar que há uma visão profissional da plena execução da vida privada, havendo menção de métodos e conceitos. Porém, com *coaching* ou não, o movimento trabalhado por Silvia Viana (2012) é o imperativo da ação do Sal da Terra, de forma que se o maior erro de um participante do reality é não jogar, mesmo que para isso tenha que se debater para sobreviver, o maior erro do cristão é não agir, é preciso não deixar que o medo o paralise, mesmo que o risco esteja à porta.

²⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=-QvsTURCiso> - Acesso em 27/11/20

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: O poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BOLTANSKI, Luc & Évé Chiapello. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

DARDOT, Pierre & LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005. 241p.

RAMOS, Matêus Cardoso. **O Desencantamento do mundo segundo Max Weber**. Rio de Janeiro: Revista EDUC. 2014.

PIERUCCI, A. F. **O Desencantamento do mundo**: todos os passos de um conceito. São Paulo, Editora: 34, 2003.

VIANA, Silvia. **Rituais de Sofrimento**. São Paulo, Boitempo. 2012.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.